

Poetas Capixabas

JOSÉ VICTORINO DE LIMA



POETAS CAPIXABAS



PREFEITURA DE
VITÓRIA



ACADEMIA
ESPÍRITO
SANTENSE
DE LETRAS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Francisco Aurelio Ribeiro (Presidente)
Ester Abreu Vieira de Oliveira (1º Vice-Presidente)
Matusalém Dias de Moura (1º Secretário)
Anaximandro Oliveira S. Amorim (1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - PREFEITURA DE VITÓRIA

Luciano Resende (Prefeito Municipal)
Sérgio Sá Freitas (Vice-Prefeito)
Francisco Amálio Grijó (Secretário Municipal de Cultura)
Leliane Krohling Vieira (Subsecretária)
Elizete Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adolpho Poli Monjardim)

JOSÉ VICTORINO DE LIMA

POETAS CAPIXABAS

(Comentários)

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2018

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2018

CONSELHO EDITORIAL

ADILSON VILAÇA • ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA • FRANCISCO AURELIO RIBEIRO
ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA • GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

DIGITALIZAÇÃO: ANDRÉ LUIZ NEVES JACINTHO

EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA FORMAR

FOTO CAPA: MARCELO CARVALHO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

L732p

Lima, José Victorino de

Poetas capixabas : comentários / José Victorino de Lima. – 2. ed. rev. e atual. --- Vitória, ES: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.
141 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 27).

ISBN: 9788595860681

Publicação em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

1. Poesia brasileira. 2. Poetas Espírito-Santenses. I.Título. II. Série.

CDD B869.0852

CDU 869.0(81) - 1

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória "Adelpho Poli Monjardim"
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br
55 27 3381.6926

À sagrada memória de minha inesquecível mãe.
Ao querido pai, com grande afeto e dedicação.
Com *grande* veneração, à minha extremosa esposa inspiradora
deste livro.

Aos intelectuais patrícios
Madeira de Freitas
Saul de Navarro
Heitor Moniz
Coelho Netto
Humberto de Campos

Reverentemente,
O Autor

Sumário

Apresentação.....	9
Prefácio.....	11
Salvador Thevenard.....	13
Antonio Serapião.....	15
João Bastos.....	17
João Motta.....	18
Maria Antonieta Tatagiba.....	20
Domingos José Martins.....	22
Rosário Rizzo.....	24
Narciso Araújo.....	26
Paulo de Freitas.....	30
Teixeira Leite.....	33
Jayr Amorim.....	36
Nilo Bruzzi.....	38
Alvimar Silva.....	40
Almeida Cousin.....	43
Cyro Vieira da Cunha.....	48
Benjamin Silva.....	51
Antônio Pinheiro.....	55
Ruy Côrtes.....	58
Nilo Aparecida Pinto.....	61
José Vieira Tatagiba.....	64
Nicanor Paiva.....	67
Mileto Rizzo.....	69
Sebastião Tâmara.....	74
Newton Braga.....	76
Augusto Lins.....	78
Alberto de Oliveira.....	82
Frederico Codeceira.....	84
Walter de Biase.....	87

Sylvio Rangel.....	89
Christiano Fraga.....	91
Odilon Luna.....	92
Azevedo Rolim.....	95
Abílio C. de Carvalho.....	98
Jonas Farias.....	102
Willis Cunha.....	104
Milton Amado.....	106
Joaquim Ramos.....	108
Diógenes de Noronha.....	109
Ernesto Guimarães.....	111
Joaquim Miranda.....	113
Hermano Brunner.....	115
Oswaldo Poggi.....	116
Clodoaldo Linhares.....	118
Areobaldo Lellis.....	120
Nilo Neves.....	122
Jose Maria Morgade Miranda.....	124
Manoel Virgínio.....	125
Carlos Magalhães.....	127
J. Corrêa de Araújo.....	128
Aldércio de Aquino.....	129
Nilson de Miranda.....	130
Elpídio Pimentel.....	131
Florisbello Neves.....	133
Jonas Montenegro.....	134
Corlumbo Ferreira.....	136
Fernando Motta.....	137
Belisário Vieira da Cunha.....	138
Solimar de Oliveira.....	140

Apresentação

Um livro como esse, além de ser um legítimo resultado da arqueologia literária capixaba, é tão necessário quanto curioso. É uma compilação do que se produzia poeticamente em terras do Espírito Santo e, principalmente, a forma como um determinado indivíduo observava, com o arguto olhar, o que era e o que foi produzido. Sim, é importante que isso se frise. Não é apenas uma reunião, um registro cuja base é aquela atualidade, aquele tempo. Assim como se escolhem quadros que representem um panorama do que é fundamento para uma determinada época ou comunidade, textos são escolhidos de acordo com o que o autor considera necessários aos estudiosos, estudantes, poetas e professores que viriam, algum tempo depois, deparar-se com tal panorama. José Victorino de Lima, esse (antes) obscuro – leia-se esse termo sem qualquer pejoração – autor cuja subjetividade nos proporcionou o livro que agora se lê, fez um serviço social. Sem ele, boa parte do que se produziu no ES (ou, indiretamente, sobre ele) nos primeiros cinquenta anos do século passado teria sido mais que esquecido. A existência deste ou daquele autor, deste ou daquele poema, teria habitado uma câmara escura, sem luz, uma gaveta que nunca seria aberta.

É ele, José Victorino – o próprio segundo prenome já nos parece íntimo de nossa capital –, quem resolve, per si, organizar os autores e escolher suas obras. Além disso, traz ao leitor uma breve biografia de cada um dos escolhidos. Assim trabalha um crítico eficaz: a obra deve, num certo sentido, refletir aquele que a produz. Sei que muitos discordam disso, tentando manter distâncias questionáveis entre autor e obra. Parece que José Victorino mantinha essa ideia acesa, como se fosse uma lâmparina a guiar o leitor por ruas nunca dantes conhecidas. O leitor perceberá que a praia habitada por nossos conterrâneos é o Parnasianismo, tão afeito às rimas e à métrica, tão atraído por aquilo que considera belo – ou seja, a forma poética. Não há por que questionar isso. Esse registro serve também como uma amostra do que se pensava em termos poéticos.

Senti falta da poesia feminina – ou, por outra: de mulheres poetas. É natural que haja predominância masculina. A época assim determinava, mas é possível afirmar, após a leitura, que não há qualquer diferença de qualidade literária no que foi produzido por mulheres e homens. Eis mais um serviço que nos proporciona José Victorino: a poesia, sem gênero que a limite, continuará para sempre.

Francisco Grijó, *escritor e secretário de Cultura da PMV*

Prefácio

Este livro é uma reedição de “Poetas Capixabas”, publicado por José Victorino, pela editora Adersen, RJ, em 1934. Em 26/02/1918, em reunião do Conselho Editorial da AEL/PMV, propus a reedição dessa obra, por se tratar de exemplar raríssimo, visto que, até então, só conhecíamos um único exemplar da biblioteca da AEL dessa antologia de poetas capixabas, a primeira do século XX. No século XIX, existiu o “Jardim Poético”, de José Marcelino Pereira de Vasconcelos, publicada em 1854, e antologia é, sempre, uma forma de se conhecer quem e o que se escreve, em determinada época, ou, pelo menos, aquilo que o organizador decidiu ser importante coletar e divulgar. Serve também para se detectar, com a passagem do tempo, omissões injustificáveis do organizador ou inclusões dispensáveis. No primeiro caso, na edição de José Victorino, é flagrante a omissão de mulheres poetisas e, na ocasião, pelo menos uma delas estava em evidência nos jornais e nas páginas da “Vida Capichaba”, Haydée Nicolussi (1905-1970). No outro caso, a inclusão de seus colegas de Grêmio Rui Barbosa, hoje, ilustres desconhecidos.

Após a decisão de se publicar este livro, passou-se à pesquisa de quem seria esse José Victorino, nome, hoje, inteiramente desconhecido da historiografia capixaba. Com a ajuda do historiador Paulo Stuck, do IH-GEIS, descobriu-se que se tratava de José Victorino de Lima, nascido em Minas Gerais, em 19 de março de 1909, nomeado Fiscal da Fazenda Estadual em 1931, para exercer cargo em Muqui, no sul do ES. Casado com Maria Dalila Leite, teve com ela um filho, em fevereiro de 1935, registrado com o seu nome e que se tornou médico oftalmologista, no Rio de Janeiro, falecido em 2010. José Victorino pertenceu ao Grêmio Literário Rui Barbosa, que ocupou o espaço da Academia Espírito-santense de Letras, no período em que ela hibernou (1930-7). Pertenceu, também, à Academia de Comércio de Vitória, tendo assinado artigo na “Vida Capichaba”, em 18/03/1930, intitulado “Filosofando”, dedicado a Paulo de Freitas. Também se descobriu que ganhou prêmio de aplicação do jornal “A Gazeta”,

fundado em 1928, e que seu livro “Poetas Capixabas” foi um dos prêmios dados aos leitores vencedores do concurso “De quem são estes poemas?”, promovido pela “Vida Capixaba”, em 1934. Por último, descobriu-se a seguinte resenha publicada na “Vida Capixaba” sobre seu livro, provavelmente escrita pelo professor Elpídio Pimentel, um dos editores da revista.

“Poetas Capixabas”. “Já se encontra nas montras das nossas livrarias o esperado livro de José Victorino de Lima. Lemo-lo com agrado. Um livro leve que, por certo, tem tanta poesia dos vates estudados quanto texto, em prosa, do próprio autor do livro, por que José Victorino cita muito. Cita, porém, como quem é artista e sabe escolher. Não fez uma obra de profunda crítica literária metendo-se em funduras psicológicas, nem se propôs escarpelar nem pulverizar ninguém. Olhou com simpatia e emoção muitas vezes a obra poética da terra do Espírito Santo e falou dela como quem a ama, buscando-a onde quer que florisse. Conseguiu destarte, beneditino amável, juntar pacientemente nada menos de 57 poetas- que chama “capixabas” porque viveram ou têm vivido nestas plagas – e fazer um livro que tanto tem de estudo suave e simpático, embora superficial, das personalidades tratadas, como de polianteia agradável e seleta. A “Vida Capixaba” agradece ao autor pelo exemplar que enviou à Redação e pelo que destinou, como um dos prêmios, ao nosso concurso literário, hoje encerrado”.

Consta, no verso da folha de rosto, que o autor teria inéditos como “Pro-sadores Capixabas (coletânea)”, “Poetas Fluminenses (comentários)”, “Socialismo Russo (ensaios)” e “Deus (coletânea)”. Não conseguimos descobrir nenhuma dessas publicações. Também não foi possível identificar o ano e o local de morte do autor. Tudo indica que terminou seus dias fora do Espírito Santo.

Na antologia que ora apresentamos ao leitor capixaba, 84 anos depois, é interessante a supremacia de escritores do sul capixaba, visto que o norte era ainda bastante desabitado, e também pelo fato de o autor ter morado em Muqui, por algum tempo. Daí seu conhecimento de escritores de Cachoeiro, Castelo, Guaçuí, Mimoso do Sul e Muqui, evidentemente, aos que acrescentou os de Vitória e um ou outro do norte. Também é interessante sua ojeriza ao “Futurismo”, primeiro nome dado ao Modernismo, visto que só incluiu Newton Braga como o único representante capixaba dessa tendência. Esqueceu Achilles Vivacqua (1900-1944), o primeiro deles, e Haydée Nicolussi (1900-1970), a primeira delas. Das mulheres, só incluiu Maria Antonieta Tatagiba (1894-1928).

Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro
Presidente da Academia Espírito-santense de Letras

Salvador Thevenard

O Espírito Santo, este pequenino Estado da Federação, acolhe em seu seio diversos nomes ilustres no cenário intelectual brasileiro.

Infelizmente, a deficiência do intercâmbio intelectual brasileiro faz com que os nossos homens de letras não sejam conhecidos.

Há poetas no Estado que nunca publicaram livros e são verdadeiros estilistas na divina arte que imortalizou Bilac.

Vejamos, como amostra, um inspirado soneto do jovem Salvador Thevenard:

DE VOLTA

Dromedários em fila, o passo sempre certo,
monótona, sombria e vagarosamente,
a grande caravana antiga do Oriente
lá vai pelo lençol de areia do deserto...

Percorreu toda a Líbia. O Egito viu de perto,
esplêndido no Cairo e, indiscutivelmente,
ciclópico na Esfinge, em Tebas decadente,
histórico em Abukir, no claro Nilo incerto...

Para vencer uma a uma as etapas traçadas,
quanta vez descansou de longas caminhadas,
sob a sombra e o calor de oásis seculares...

E ei-la agora de volta, em fila, os dromedários,
deixando para trás sarcófagos lendários,
pirâmides, haréns, mesquitas e bazares!

Vicente de Carvalho era entre os poetas paulistas da sua época, o ídolo daqueles que se deixavam embriagar pelo néctar sublime dos cânticos de amor.

É Salvador Thevenard que se nos apresenta como um novo Vicente de Carvalho, mostrando-nos o seu vigor poético e a delicadeza da sua alma suave, terna, meiga e sofredora. Um vate que tem coragem de dar conselhos ao seu coração.

É justo salientar esta preciosa joia:

CONSELHOS AO MEU CORAÇÃO

Escuta, coração, que no meu peito
pulsas: Não chores mais os teus pesares...
Mostra-te sempre alegre e satisfeito,
esquece todo o bem que praticares...

Deixa de lado os pérfidos olhares,
dos que fazem de ti um mau conceito,
e se hoje, por acaso, tu pecares,
procura ser depois puro e perfeito.

Protege os infelizes, que, coitados!
À mais negra miséria condenados
vivem nas ruas mendigando o pão!

Ama, enfim, coração, se tu quiseres...
Sonha com o amor de todas as mulheres,
mas não creias no amor, meu coração!

Salvador Thevenard é um poeta de fina sensibilidade. Os seus versos são espontâneos e têm a expressão viva da realidade. E aponto ainda para os nossos colecionadores estes outros sonetos: “Entre a loura e morena”, “Viver”, “Velha história”, “Bendito o nome de Jesus”, “Sonho que passa...” e “Uma História”.

*(Salvador Thevenard nasceu em Vitória, em 26/07/1910. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do ES. Em 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro, atuando como advogado junto a seu conterrâneo Jair Tovar. Foi funcionário graduado do SESI e da Light. Teve dois filhos. Escreveu na **Vida Capixaba** e deixou inédito um livro de poemas. In: ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**.1982.)*

Antonio Serapião

Antonio Serapião, o veterano vate capixaba, de há muito que abandonou a imprensa.

Antonio Serapião, mesmo em disponibilidade, não pode fugir à minha pesquisa, porque é de fato um grande poeta.

A aranha é um dos seres irracionais que mais raciocinam. Há quem diga que a formiga é mais inteligente e outros que a abelha é mais ativa. Não sou autoridade no assunto. O que tenho apenas a afirmar é que a aranha trabalha metodicamente. Tem mais método do que muitos homens que se dizem racionais.

Antonio Serapião vem em meu auxílio descrevendo o que é:

A SABEDORIA DA ARANHA

Entre a folhagem de esmeralda, tece
A aranha a casa alegre e sossegada...
E a cada fio posto, até parece
Que ela emprega a distância calculada.

Um perfeito polígono, de cada
Volta que faz... e assim estabelece
A transparente e flácida morada,
Que se tinga de luz quando amanhece...

Louco, a esvoaçar, um trêfego besouro,
Por alguma açucena fascinado,
À teia vem prender as asas de ouro...

E a aranha trava-lhe o pequeno dorso
Com toda a calma de que é ousado
Na lei prudente do menor esforço.

Antonio Serapião publicará dentro em breve um livro de versos sob o título “Cristais de Rocha”. Posso até citar alguns sonetos que farão parte desse livro: “Primeiro Amor”, “A voz do tempo”, “A Lagoa”, “A Fazenda do Diabo”, “A sabedoria da aranha”, “Casamento da aranha”; “Louva-Deus” e “O Monjolo”.

*(Antônio Serapião de Souza nasceu em Amargosa, Bahia, em 1896. Viveu grande parte de sua vida em Colatina, ES, com a família. Agrimensor. Era pai do poeta Arnaldo Serapião de Souza. Colaborou em jornais de Colatina e de Vitória. Faleceu em 1970. Publicou “Teia de Aranha”, poemas, no Rio de Janeiro, em 1923. In: ELTON. Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. 1982).*

João Bastos

João Bastos é um poeta feliz na composição dos seus versos. O seu estilo agrada e encanta. Ele sabe fingir uma fábula dissimulada à mulher que o deslumbrou e envenená-la com a taça infernal, a taça do ciúme e da ingratidão. “Tântalo” é um soneto que merece atenção:

Saiba, senhora, que estou muito doente
De um mal terrível, mal que não tem cura
E que me abrasa mais que um ferro ardente,
Pois mais que o fogo o amor queima e tortura.

Vendo-me triste e magro, muita gente
Que me viu forte e alegre na ventura
— “Olhe como está ele diferente,
Como se muda, santo Deus!” - murmura.

E eu mesmo, às vezes, consultando o espelho.
Exclamo: — És outro, desgraçado amigo.
Tens cãs e rugas como qualquer velho!...

Ai! não preciso que isto alguém me aponte,
Morro, senhora, contemplando-a, digo:
Morro de sede à beira de uma fonte.

João Bastos escreveu ainda “Salamandra”, “Conselhos”, “Espinhos”, “Os noivos”, “Mãos de criança” e “Nunca”. São poesias que merecem ser lidas. E é assim o nosso querido Espírito Santo... a terra dos enamorados da beleza e da arte.

*(João Bastos Bernardo Vieira nasceu em Conceição da Barra, ES, em 26/02/1898 e faleceu em Vitória, em 05/09/1962. Professor normalista e bacharel em Direito. Foi funcionário da Secretaria da Educação e deputado. Em 1941, obteve o 3º lugar na escolha do “Príncipe dos Poetas Capixabas”. Publicou “Caminhos da Vida”, poesias, 1942 e deixou inéditos “Cantos da vida moça”. In: ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. 1982).*

João Motta

Quando estive pela última vez na metrópole brasileira, tive o prazer de conhecer diversas senhoritas que se preocupavam em colecionar os melhores sonetos dos principais poetas nacionais. Uma destas senhoritas, dando-me o seu álbum para folhear, notei, com imenso desprazer, que não havia sequer um soneto de autoria de qualquer poeta espírito-santense.

Esquecem naturalmente que, no Estado do Espírito Santo, existem poetas dignos da admiração dos nossos colecionadores. E foi assim que me lembrei de contribuir um pouco para o desenvolvimento do nosso intercâmbio intelectual, apresentando aos nossos leitores e colecionadores os vates capixabas que, aqui, vivem cantando nos seus versos as belezas das nossas florestas, o aroma das nossas flores, o encanto dos nossos jardins e o cenário deslumbrante das nossas cascatas e serranias.

Vejamos o que escreveu sobre um episódio histórico o inesquecível poeta capixaba João Motta — a expressão máxima da nossa poesia:

Era em Veneza. Toda pátria estava
Sob o gládio feroz do despotismo:
Passara Bonaparte, o cataclismo,
Por ali e a nação deixara escrava.

Sob a fé de Hugo Bassi, o patriotismo
Numa epopeia máscula traçava,
E Manin, numa auréola de humorismo,
No Partenon dos imortais entrava.

Nessa guerra cruel contra os tiranos,
Na qual o patriotismo fez assombros,
Havia dois meninos de dez anos

Que tocavam tambor: um deles, vendo
 Ferido o companheiro, toma-o aos ombros
 E continua o seu tambor, batendo...

João Motta foi um grande poeta. Sabia interpretar a linguagem do sentimento e transmiti-la para o verso. Os seus versos são declamados em todos os festivais promovidos pela sociedade capixaba.

João Motta é um poeta que não pode ficar esquecido. O seu nome é um padrão de glória e deve ser venerado com carinho e respeito por todos os que militam na imprensa capixaba: Será uma homenagem sincera e confortadora. Ela virá mostrar o valor do capixaba representado na glorificação da arte. A arte da emoção e do sentimento. Homenageando-o, transcrevo o soneto

EVANGELHO DO ÓDIO

Antes de nascer, ele já sofre
 O rigor do patrão: à voz do mando,
 E ninguém, por desgraça lhe descobre
 No rosto triste a lágrima rolando.

E quando a sombra a luz solar encobre,
 Sob o jugo do ríspido comando,
 Da própria mágoa, a vida desprezando,
 Inda trabalha, inda produz o pobre.

Exausto, à volta do trabalho, em casa,
 Sua alma de revolta se extravasa,
 Ao dizer o seu lúgubre episódio.

O mísero espoliado os dentes rilha,
 E, na dor da família maltrapilha,
 Ensina aos filhos o Evangelho do Ódio.

(João Motta nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, em 1881, de origem humilde. Teve três filhos. Em 1902, fundou o jornal "O Alcantil", em Cachoeiro, e dirigia "O Cachoeirano", em 1906, quando esse foi empastelado por rivais políticos. Em 1910, fundou, com outros escritores a revista literária "Álbum". Colaborou, também, em "O Martello", criado por Antônio Vieira da Cunha. Faleceu em 1914, sem deixar livro publicado. Patrono da cadeira 19 da AEL e da cadeira 18 da Academia Cachoeirense de Letras. Em 1966, foram publicadas as "Poesias de João Motta", coligidas por Tróphanes Ramos, em Cachoeiro. In: ELTON. Elmo.1982).

Maria Antonieta Tatagiba

Maria Antonieta Tatagiba, filha do município de Guarapari, foi a maior poetisa da sua época aqui no Estado. Viveu e morreu na cidade de São Pedro de Itabapoana. A sua excessiva modéstia fez com que ela não se tornasse conhecida fora das nossas fronteiras. Depois da sua morte, os interessados pela difusão da literatura capixaba conseguiram do poeta José Vieira Tatagiba algumas produções inéditas que foram publicadas na “Vida Capixaba”, “Diário da Manhã” e “A Semana”. Hoje, Maria Antonieta Tatagiba é lembrada nos salões das nossas sociedades recreativas.

Ninguém melhor do que Maria Eugenia Celso saberá dizer o que foi essa esplêndida poetisa. Vai, como apresentação, o seu expressivo soneto:

O RISO

Bendito seja o riso que os negros
Da vida ao infeliz faz olvidar,
Como o vinho, adormece as nossas dores,
A quem sofre, é conforto singular.

Disfarça o sentimento sob flores
Padeces? Trazes, na alma, algum pesar?
Ri que o riso adormece as nossas dores
E nele, um lenitivo há de encontrar...

Riso é ironia – riso é esquecimento.
Aos tristes dá o aspecto da ventura
E faz supor distante o sofrimento...

Riso – invencível arma de mulher
Que, rindo, docemente, com ternura,
Seduz o mundo inteiro, quando quer!

(Maria Antonieta Tatagiba foi a primeira mulher a publicar um livro de poesias, “Fruta Agreste”, em 1927, um ano antes de morrer de tuberculose, em 13/03/1928. Patrona da cadeira 32 da AEL. Sua obra foi estudada por José Paulino Alves Júnior, em discurso de posse proferido na AEL, em 08/03/1941 e por Karina Fleury. Em 2018, fundou-se, em São Pedro de Itabapoana, a Academia Maria Antonieta Tatagiba de Artes, Letras e História.)

Domingos José Martins

Domingos José Martins, filho deste glorioso Estado e morto em Recife como revolucionário, dedicou toda a mocidade em benefício da sua idolatrada Pátria.

Terra que ele tanto amou e que tudo fez pela sua independência. Foi um grande idealista. Morreu heroicamente, tendo em mente o futuro da sua Pátria e o valor da sua raça. Diz a História Pátria que ele, antes de exalar o último suspiro, exclamou: - “Morro pela liberda...”. Não chegou a terminar a expressão magna da civilização: LIBERDADE!

Mas, muita gente ignora as produções poéticas de sua autoria. Domingos José Martins escreveu, antes da sua morte, prevendo mesmo o desenlace, um soneto em que deixou transparecer a sua veneração pela esposa e a sua dedicação de filho extremado que sabe amar a terra que lhe serviu de berço e bem dizer o valor pujante dos seus filhos.

Rogo a atenção dos leitores para o soneto abaixo:

SONETO

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quase a par da Liberdade,
Em vós não tem poder a iniquidade;
Para a esposa voai, narraí meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida à eternidade,
Ela d’alma reinava na metade
E, com a Pátria partia-lhe os cuidados.

A Pátria foi o meu lúmen primeiro!
Foi depois a Esposa o mais querido
Objeto de desvelo verdadeiro.

E na morte, entre as duas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro
E será da outra o último gemido.

(Domingos José Martins nasceu no atual município de Marataízes, em 09/05/1781, filho do militar português Joaquim José Martins. Estudou e trabalhou na Bahia e em Lisboa, antes de ir para Londres, sócio de uma casa comercial. Aí, trabalhou com Hipólito Costa, diretor do jornal "Correio Brasiliense" e passou a atuar na campanha de emancipação brasileira de Portugal. Voltou ao Brasil, fixando-se em Recife, tornando-se um dos líderes da Revolução Pernambucana de 1817. Preso, foi morto em Salvador, junto com os outros líderes, em 12/06/1817. É o único herói capixaba a fazer parte do "Panteão Nacional", em Brasília, e de sua produção poética só se conhece esse seu soneto. Em 2017, a Companhia Editora de Pernambuco lançou: "1817. Amor e Revolução", História em Quadrinhos sobre a Revolução Pernambucana).

Rosário Rizzo

Rosário Rizzo era muquiense. Foi um moço que se dedicou aos estudos com vontade de aprender. E aprendeu.

Aprendeu a ser poeta. E um vate de verdade. Fazia a composição de um verso com a mesma facilidade com que procurava aviar uma receita na sua farmácia. Contava apenas 33 anos, quando o véu negro da morte o roubou do nosso convívio, levando-o lá para os páramos do infinito, pertinho das estrelas que ele tanto amava.

Era um poeta, repentino. As suas produções são quase todas inéditas. A sua genitora, D. Esperança Rizzo, possui em seu poder uma coletânea que daria um volume excelente. Entre outros, destaquei o esplêndido soneto

ÚNICO DESEJO

Bem sei que há de findar-se esta alegria,
Que, hoje, me faz viver assim ditoso
Longe do pantanal da hipocrisia
Deste mundo, onde é um mito o puro gozo.

Em vez deste prazer virá, um dia,
Do tédio o imenso séquito horroroso
Tirar-me d'alma, toda esta poesia,
Que, hoje, me faz viver assim ditoso.

Que importa? Venha o espinho da amargura!
Resistirei. Não temo a desventura:
- Nasci para viver, lutar, sofrer...

Do mundo quero, apenas, teu amor,
E o beijo ardente dessa boca em flor
Para vida feliz até morrer.

E é assim o nosso querido Espírito Santo... a terra dos poetas que vivem cantando nos seus versos as belezas das nossas florestas, o aroma das nossas flores, o encanto dos nossos jardins e o cenário deslumbrante das nossas cascatas e serranias.

(Quase nada se sabe sobre Rosário Rizzo, além do fato de ter pertencido a uma das famílias de imigrantes italianos fundadora de Muqui. Foi farmacêutico, morreu com 33 anos, filho de Esperanza Rizzo e irmão do médico e poeta Miletto Rizzo. Deixou inédito um livro de poemas).

Narciso Araújo

Narciso Araújo, dos atuais poetas capixabas, é um dos mais admirados. Este poeta é um caso interessante. Vive isolado e tem até raiva dos seus colegas quando falam do seu nome. Faz-me lembrar o grande Leon Tolstoi, que durante 4 anos não quis receber em sua residência nenhuma pessoa estranha à sua família. E foi durante aquele exílio caseiro que ele escreveu o seu grande livro “Khadji Murat”.

E assim é o nosso Narciso Araújo – o homem solitário, que vive sonhando com as estrelas e talvez, - quem sabe? revivendo algum sonho não realizado. O certo é que ele sempre nos delicia com os seus sonetos impregnados de vibração e de poesia. Aí vai o seu soneto

AMOR

Che muove il sole e l'atre stelle. Dante.

Poeta, fala de amor. Fala mais. Fala.
Ele está, sob teus olhos, triunfante,
Em tudo, em todos, na suntuosa escala
Da criação. Atrás, agora, adiante,

Passado, atual, vindouro. Geme, estala,
Se do Infortúnio o oprime o duro guante,
Mas é o Bem: vence o Mal. Tudo assinala,
Com explosões de saúde fulgurante.

Rege da Terra a laboriosa entranha;
Rege do Céu o cavo seio azul;
Perfuma a Flor? resiste na montanha;

É saudade chorando em despedida;
 E' clarão, incorrupto num paul;
 Ontem. Hoje. Amanhã. Eterno. Vida.

Narciso Araújo é um bardo que nada se tem a desejar de melhor. É um poeta que tem produzido obras muito mais apreciáveis do que as de certos membros da Academia Brasileira de Letras. Há muita simplicidade e bastante filosofia nos seus escritos.

Narciso Araújo ficou convencido de que a humanidade é má e nada vale e que o melhor meio de se ficar em paz é não ligar a mínima importância aos acontecimentos que se desenrolam em face da terra em que habitamos. Desprezar os prazeres mundanos — porque os seus frutos são prejudiciais ao equilíbrio mental de cada indivíduo — é o que pensa o homem que vive isolado nas margens do Itapemirim. Ele vive admirando a Natura e contemplando as águas límpidas do Itapemirim. É na vida bucólica que o homem se aproxima do Criador. É ali que ele vive e contempla as maravilhas da Natureza!

É ali na alma vegetal das nossas florestas que a Natureza nos mostra as serranias que se divisam com as brancas nuvens que se desprendem lá das alturas celestes e vêm beijar o pico do Itabira — sentinela vigilante dos rochedos capixabas!

Vejamos estes delicados sonetos de Narciso Araújo:

EXCELSA MUSA

I

Não me posso iludir, eu não me iludo;
 De quantas tenho visto, crê, nenhuma
 Vale o que vales. Só tu vales tudo.
 Tu és o mar; as outras são espuma.

Tu proteges e salvas. És o escudo
 E a luz. As outras são fraqueza e bruma.
 De ti vem a emoção que me faz mudo,
 Das outras, inda congregadas numa,

Juntando aromas, reunindo albos,
Nada vem que me toque ou me ilumine,
Porque é nada a adição desses primores.

Só tua alma me vibra no alaúde,
Sentinela de amor que me previne,
Musa do Bem, da Paz e da Saúde.

II

Peregrinando pela terra escura,
Foi em tua alma que eu achei abrigo,
Só de tua alma é que me vem ventura,
Farol de amor, denúncia do perigo.

É só com o amparo de tua alma pura
Que eu nada temo e os meus caminhos sigo
Com a minha erguida para a vasta altura,
Dentro da fé, como um seio amigo.

Vai meus passos guardando nas estradas,
Como um deus forte, bom e vigilante,
Pelas tardes e noites e alvoradas.

O teu amor, a derramar o incenso
Do teu ciúme em rolos, abundante,
Aqui da terra para o céu imenso.

III

A mim que importa o mundo mau e feio,
Se a tudo com bondade, me preferes,
Se eu sei que é meu todo o teu casto anseio,
E conheço o fervor com que me queres?

Fico contigo. Na tua alma eu leio
Como num livro escrito a rosiclères,
Toda a ciência do Bem que à terra veio,

De que és resumo, oh glória das mulheres.

Sinto que nele quanto mais vou lendo
Tanto mais nele de pureza aprendo
E na arte de ser bom me aperfeiçoo

Alma de lírico que a virtude encerra,
Fico contigo, aqui na dura terra,
Quero ir contigo ao céu pelo teu voo.

(Narciso da Costa Araújo nasceu em Itapemirim, em 06 de agosto de 1877. Estudou no Colégio Pedro II, no Rio, onde também se formou em Direito. Fez parte do grupo simbolista liderado por Cruz e Sousa. Escreveu em diversos jornais e revistas do Rio e Espírito Santo. Voltou ao ES em 1901 e foi deputado de 1908 a 1912. Desiludido com a política, passou o resto da vida dedicado à advocacia e aos versos. Em 1941, foi eleito “Príncipe dos Poetas Capixabas”, que teve como prêmio a publicação de suas “Poesias”, em 1942. Faleceu em 14/04/1944, aos 66 anos. Sua obra foi estudada por Jô Drumond em “O solitário de Itapemirim. Narciso Araújo: vida e obra”. AEL/PMV. 2010).

Paulo de Freitas

Paulo de Freitas é um conhecido poeta que reside há anos, na encantadora e florescente cidade de Siqueira Campos (Guaçuí), neste Estado. É magistrado, jornalista e poeta. É um grande entusiasta das letras. Escreve sempre para “O Espírito Santo”, “Diário da Manhã”, “Correio do Sul”, “Vida Capixaba” e “Correio da Manhã”. Não se esquece de aproveitar as suas horas de folga compondo poesias para deliciar o paladar artístico das nossas interessantes Evas. Em 1928 publicou um livro de versos intitulado “Volúpia das Rosas”, inspirado aliás, com muito gosto, nestas conhecidíssimas frases do inesquecível Bilac:

*Poeta! Deus fez as mulheres e as rosas
Para os beijos do sol e os beijos dos poetas.*

O estilo de Paulo de Freitas agrada pela sua originalidade. O que é mais apreciável num poeta. Fedro, certa vez, lendo um livro de versos que muito lhe agradou, disse: — “Rei bona vel vestigia deletant”, do bom até o rasto deleita. Paulo de Freitas exaustivamente dominado pela volúpia dos seus sentidos esqueceu a “volúpia das rosas” para cantar nos seus versos a grande e incommensurável volúpia dos seus desejos. É assim que o vemos no soneto realista, impregnado de uma sensualidade mimodrama. Aí vai o seu precioso soneto:

NUA

Braços nus, seios nus... e toda nua
Amei-te assim, eu quis beijar-te assim...
Linda disseste-me, a sorrir – sou tua! —
Num longo beijo que supus sem fim.

Num longo abraço cheio de doçura,
Palpitando de febres e de anseios,
Quis encontrar, no amor, essa Ventura,
Mordendo a carne branca dos teus seios.

E louco, nesta febre de desejos,
Quis encontrar, no amor, Felicidade...
Pra ser feliz, queria muitos beijos.

Eu era um louco! Muita glória eu quis!
E hoje murmuro, cheio de saudade:
- Bastava um beijo só para ser feliz...

O autor de “Volúpia das Rosas” é um poeta sensual. A maioria dos seus sonetos são fortes e exprimem o seu pensamento, lascivo e o seu temperamento ardente. Ele sente que a sua boca a palpitar numa volúpia louca de desejos transforma o seu sonho em realidade... mas duvida que essa realidade seja verdadeira. Paira em si a dúvida e com o coração despedaçado beija a mulher que o deslumbrou sem saber se verdadeiramente ela o ama.

Foi o que concluí depois da leitura deste soneto:

DÚVIDA

Vejo que és tu e sinto a tua boca
Na minha boca a palpitar fremente.
Vejo que és tu e sinto-me presente
Numa volúpia e numa febre louca.

Transformando meu sonho em realidade,
Nessa glória de amar teu corpo lindo,
Assim te beijo, num prazer infindo,
Mas duvido que seja isso verdade,

Vejo que és tu nos meus braços caída...
E uma dúvida, entanto, me espezinha
Olhos mortos... assim desfalecida....

E te beijando sempre, vulto amado,
Trago o meu coração despedaçado:
Pois mesmo a te beijar, não sei se és minha.

Paulo de Freitas pelo seu vigoroso temperamento poético merece um destacado lugar entre os nossos poetas contemporâneos. Vimo-lo no

soneto anterior aborrecido com a Dúvida e agora voltando calmamente à “serenidade” não mais parece aquele que num momento de inquietação dizia que duvidava que aquilo fosse verdade para salientar que serenidade “é ausência de rancor” e o “Heroísmo de perdoar sempre a maldade”.

SERENIDADE

Irmã gêmea talvez da Caridade,
Serenidade é ausência de rancor,
É a sombra de Jesus, na tempestade,
Estendendo o seu manto protetor.

Ausência de rancor... Serenidade...
Coragem de sorrir diante da dor.
Heroísmo de perdoar sempre a maldade
De Jesus Judas que é ruim, falso, traidor.

Serenidade... Amor das cousas mansas;
Palavra de Jesus cheirando a flor;
Mãos afagando as aves e as crianças.

Serenidade... é o riso numa cruz;
Olhar bondoso feito de amor...
Serenidade é a vida de Jesus...

Paulo de Freitas pode ser considerado um dos melhores poetas capixabas. Aconselho a leitura do seu livro “Volúpia das Rosas”. “ Destacam-se as seguintes poesias: “O Beijo”, “Tarde de verão”, “Saudade”, “Meu melhor beijo”, “Finados”, “Delíquio”, “Súplica”, “Paisagem triste”, “Felicidade”, “Monjas”, “Peregrina”, “Escuta”, “Trilogia”, “Alma de artista”, “Noturno”, “Salomé”, “Hino das árvores”, “Marinha”, “Íbis”, “Mira”, “Deliciosa mentira”, “Tarântula”, “Beijos” e “Lágrimas”.

(Paulo Ataíde de Freitas nasceu em Rio Novo do Sul, em 28/01/1902. Estudou no Ginásio do Espírito Santo, de 1914 a 1918, em Vitória, e Direito, no Rio de Janeiro, diplomando-se em 1924. Foi Promotor Público e Magistrado em várias comarcas do ES. Pertenceu à AEL, cadeira 39. Além do livro “Volúpia das rosas”, de 1928, publicou poemas em jornais e revistas. Morreu em 1989).

Teixeira Leite

Teixeira Leite é um poeta que se fez através de uma força de vontade férrea. Não é formado. Antigamente o indivíduo que não tivesse um Dr. não era capaz ou mesmo considerado apto a vencer. Hoje, acabaram-se as predileções. O indivíduo que tiver talento, hoje ou amanhã será aproveitado. É questão de oportunidade. O valor da pessoa reside na sua própria personalidade.

Ninguém pode procurar fora de si aquilo que ele não possui. Chegará o dia em que a capacidade produtora será o lema dos que desejam triunfar. Do contrário não havia necessidade de haver colégios. O valor da pessoa deve ser aproveitado de acordo com o que ela representa. A seleção deve ser acolhida por todos. O indivíduo só poderá ocupar um cargo de acordo com a sua capacidade. Valer aquilo que ele é. E não o que os padrinhos acham que deve ser.

Foi pela sua própria força de vontade que Teixeira Leite se fez nas letras. Foi redator da “Vida Capixaba” e hoje é diretor do “Diário da Manhã” de Vitória. Publicou “Plenilúnio”, livro de versos, que já se acha na 2ª edição. “Canta” é um soneto que revela a capacidade do seu autor:

Canta! Vibra as sonoras, belas claves
De tua voz, que embriaga e cascadeia
N’alma; quedam-se, trêmulas, as aves
Aos teus cantares, mágica sereia!

Vibra, voz, rio de ouro que andam naves
De amor; sangue de sons, que veia a veia
Percorre e a despertar volúpias suaves,
Estua e em cada célula gorjeia!

Cantas... e sonho, e gozo, e assim te ouvindo
Bem junto ao meu teu peito palpitando,
Teus olhos nos meus refulgindo,

Sinto que tua voz me vai levando,
E vejo o mundo sob os pés fugindo
E, à minha frente, um céu se escancarando!

Jesus, ao que me parece, não foi unicamente o apóstolo do Bem e da Bondade. Foi um grande socialista. Trabalhou abnegadamente em prol da igualdade e da fraternidade entre os povos de diferentes raças e nacionalidades. Toda a sua vida foi um manancial de ensinamentos humanitários. Era o regenerador dos costumes sociais. A humanidade é que não soube compreender a sua ideologia.

Reza a História que Jesus foi um justo para todos e que na sua vida a única mulher que teve autorização de penetrar no recinto do seu coração e apoderar-se da sua amizade foi a encantadora Magdalena, a criatura que tinha nos olhos o enigma de uma sugestão. E é por isso que um poeta já uma vez disse “que a mulher fascina o homem, assim como a cobra fascina a vítima”. E até hoje ninguém foi capaz de descobrir um meio pelo qual o indivíduo possa ficar à margem das mulheres.

E é o próprio Teixeira Leite que confessa quando diz: “nisto, baixando o olhar, em extrema ansiedade, Jesus vê Magdalena... e, contraindo os músculos, expira num adeus de amor e de saudade”. Teixeira Leite tem a palavra:

OS DOIS OLHARES DE JESUS

I

Professando o alto Bem, domando o mais estulto,
Da humildade e da fé proclamando a doutrina,
Rompendo as multidões em delírio e tumulto,
Caminhava Jesus por toda a Palestina.

Sua voz era alívio e atração o seu vulto;
Deus brilhava-lhe n'alma a inspiração divina...
Um dia em que pregava ao povo hebreu inculto
Viu, contemplando-o, absorta, estranha peregrina...

Olham-se... Jesus para... é Magdalena... e sente,
 Naquele doce olhar de lúbrica magia,
 Toda a humanização de outro ideal transcendente...

Olham-se... que emoções a alma pura consomem!
 E, Jesus, vacilante e pálido, avalia
 O martírio de um Deus é a ventura de um homem...

II

Em paroxismos, quase, o último alento solta,
 Ao sacrílego som do tilintar das lanças...
 Ouvem-se, em derredor da multidão revolta,
 Gritos, imprecações, e algazarras de crianças.

Jesus tudo contempla e o olhar mórbido volta
 Para o céu, e a alma alenta em novas esperanças,
 Quando, correndo, avança, abrindo alas à escolta,
 Uma pobre mulher, despedaçando as tranças...

Aos pés da cruz se prostra, aflita, louca, exangue;
 Dos seus olhos azuis, sombreados de crepúsculos,
 Rubros escorrem dois longos fios de sangue...

Nisto, baixando o olhar, em extrema ansiedade,
 Jesus vê Magdalena... e contraindo os músculos,
 Expira num adeus de amor e de saudade.

As melhores poesias de Teixeira Leite são: “Eu”, “Meus versos”, “Plenilúnio”, “Velha Figueira”, “Felicidade”, “Freira”, “Ventura morta”, “Monte”, “Adão”, “Aleluia”, “Ninhos abandonados”, “Duas árvores”, “História de um vaso”, “Bandeira Brasileira”, “O vagalume”, “Anchieta”, “Nunca mais”, “Olhos velhos”, “As três vozes da vida”, “Andorinhas”, “A tropa”, “Tu e Eu”, “Dia de chuva”, “Mary”, “Ruínas”, “Gaivota”, “Poemas de Setembro” e “Dúvida”. Colabora ainda com os pseudônimos de “Til” e “Manoel Ignacio”.

(Manuel Teixeira Leite nasceu em Prado, BA, em 06/02/1891. Fez os primeiros estudos em Vitória com o professor Amâncio Pereira. Foi telegrafista em Anchieta, cargo que abandonou para ser jornalista. Em Vitória, dirigiu a Imprensa Oficial, o “Diário da Manhã”, “A Tribuna” e “A Gazeta”. Foi redator da revista “Vida Capixaba”. Foi um dos fundadores da AEL, na cadeira 18. Publicou “Plenilúnios”, poemas e deixou vários livros inéditos de prosa e verso. Em 1941, mudou-se para o Rio, onde faleceu em 1985.)

Jayr Amorim

Jayr Amorim é uma criança que já sabe fazer versos.

Talvez seja o poeta mais moço do Espírito Santo. 18 anos no máximo. Regula na idade com o Abílio de Carvalho. Trabalha na redação do “Diário da Manhã” e toma conta do “Diário Social” mantido na quarta página do mesmo jornal, onde brilham as penas cintilantes dos nossos poetas e beletristas.

Jayr Amorim trabalha e estuda. Trabalhando para estudar, com o produto do seu esforço obtém o suficiente para a sua manutenção. É digno de admiração, um jovem cheio de inteligência, dedicar os seus dias ao trabalho quotidiano sem esquecer, todavia, os seus estudos. Transcrevo um belo soneto de sua autoria, onde se vê o coração bondoso de um jovem que se compadece de um mísero faminto que vive mendigando o pão de cada dia, para não morrer de fome e sustentar,— quem sabe? meia dúzia de filhinhos que lá no morro de Santo Antônio, sem mãe, sem dinheiro, sem pão para comer, esperam, ansiosos, a volta do mísero infortunado, para saciarem a fome que os devora.

Eis aí o soneto a que me refiro:

MENDIGO

Caminhando sem rumo a passo lento,
Ele ali segue carregando um manto
Esfarrapado e sujo. Um frio vento
Açoita irado o rosto deste santo.

Trazendo no rosto eterno pranto
Ele ali segue, rosto macilento,
Procurando na morte novo encanto,
Já que só viu na vida sofrimento.

Ele segue levando no seu peito
 Algum sonho talvez... que já desfeito,
 A massacrá-lo vive na amargura.

Eis que para... gargalha com voz rouca
 A vomitar espuma pela boca,
 Num acesso de Dor e de Loucura!

*(Jair Pedrinha de Carvalho Amorim nasceu em Santa Leopoldina, em 18/07/1915 e morreu em São José dos Campos, em 1993. Era irmão da também escritora Yvonne Amorim e começou sua carreira como jornalista no **Diário da Manhã** de Vitória (ES) aos quinze anos. Ainda no Espírito Santo, dirigiu e produziu alguns programas para a Rádio Clube. Foi também letrista de blocos carnavalescos. Em 1941, passou a residir no Rio de Janeiro, onde foi cronista de revistas como “Carioca” e “Vamos Ler”, além de locutor da Rádio Clube do Brasil, quando conheceu vários artistas, como o compositor José Maria de Abreu. É desse período a letra que fez em português para a música Maria Elena, do mexicano Lorenzo Barcelata. Lançada por Arnaldo Amaral para o selo Continental, foi o passaporte para tornar-se parceiro de José Maria de Abreu, com quem compôs “Bem Sei”, de 1942, além de “Um cantinho e você” (1948), “Ponto final” (1949) e “Alguém como tu” (1952). Em 1942, tornou-se locutor da Rádio Nacional indo mais tarde trabalhar na Rádio Mayrink Veiga (1948). Em 1956, compôs com o sambista Dunga o samba-canção “Conceição”, um dos principais sucessos de Cauby Peixoto. Em 1958, conheceu Evaldo Gouveia que se tornaria seu principal parceiro. Com ele compôs inúmeros sambas-canções, vários registrados como se fossem boleros, muito à moda na época. É da parceria de ambos canções como “Alguém me disse”, interpretada por Anísio Silva, “Conversa”, gravada por Alaíde Costa, em 1959, além de “Brigas”, “O Trovador”, popularizadas na voz de Altamar Dutra. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jair_Amorim)*

Nilo Bruzzi

Nilo Bruzzi, autor de “Luar de Verona”, é um poeta já bastante conhecido na imprensa carioca e paulista. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Atualmente é Promotor Público da Comarca de Santos, Estado de São Paulo. Embora esteja ausente do nosso Estado, ele não deixa de ser bem nosso. Trata-se de um nome ilustre na vida intelectual do nosso Estado. Foi um dos redatores de “Vida Capixaba”,

O seu soneto “Única” é deveras interessantíssimo.

Um homem do século XX não tem tempo para nada “no turbilhão da vida quotidiana”. Para todos os lados que olha vê sempre o rostinho de uma representante do sexo frágil. E foi em um desses momentos que Nilo Bruzzi lembrou-se que certa vez já, gostou de alguém, de uma morena brasileira, — quem sabe? e, num dia de briguinhas de namorados, resolveu bancar o “cano de ferro” e hoje está arrependido da grande tolice que fez.

Nilo Bruzzi, não querendo humilhar-se, isto é, fazer as pazes com a eleita do seu coração, incompreendido, resolveu daquela data em diante não mais ligar importância a esta ou aquela mulher. Que importava a ele o físico e a própria plástica de corpo? Não queria mais saber de mulheres... e estava acabado. Bem entendido, mulheres que servissem para esposas...

E assim ele já conheceu, 18, 50, 100, 1000, milhares de mulheres, destas encantadoras Evas Modernas que tanto nos maltratam nas nossas imaginações. O que elas não conseguiram foi despertar o coração de Nilo Bruzzi, petrificado pela ingratidão do seu primeiro e único amor.

Ele mesmo o confessa dizendo no seu último terceto “que teve todas aquelas que o quiseram, mas nunca teve Aquela que ele quis”. É sempre assim a vida: a gente só gosta de quem não gosta da gente. Temos aí o seu soneto:

ÚNICA

No turbilhão da vida cotidiana
Há sempre um rosto de mulher
tumulto da existência humana
Alguém que a gente quis e que ainda quer...

E, numa sede de paixão insana,
Cego e humilhado, aceita outra qualquer,
Mas seu íntimo ardor, de alma profana,
Porque a alma nem acordará sequer...

E vão passando assim, uma por uma,
Mulheres e mulheres como vieram,
Sem depois despertar saudade alguma...

Pobre de quem como eu vê que, infeliz,
Teve todas aquelas que o quiseram,
Mas nunca teve aquela que ele quis!

(Nilo de Freitas Bruzzi nasceu em Minas Gerais, em 1897. Bacharel em Direito. Foi Procurador-Geral do ES e Procurador da Fazenda no RJ. Jornalista militante. Faleceu em 1978. Publicou "O Antunes", contos, em, 1920; "Auto de Nossa Senhora da Vitória", 1951, e muitas outras obras em prosa e verso, no Rio de Janeiro. In: ELTON, Elmo. Poetas do Espírito Santo. 1982).

Alvimar Silva

Alvimar Silva é um dos poetas que formam a ala moça do Espírito Santo. É ainda um dos fundadores da Academia Espírito-santense dos Novos. Jovem estudioso e de muito futuro nas letras. Sempre o vemos declamando no Grêmio Literário Rui Barbosa, de Vitória, as suas produções poéticas.

É um poeta que já se familiarizou. Os seus versos são encontrados nos álbuns dos nossos colecionadores. Poeta sentimentalista. É o sentimentalismo o seu gênero preferido. Alvimar Silva tem apenas 22 anos

“Súplica” é um soneto de sua autoria. Ele pede, suplicando a sua deusa, que não fuja, que venha, o quanto antes, para perto de si. Talvez tenha razão! A vida é mesmo insípida quando não se tem um atrativo sequer. A gente fica satisfeito quando há alguém que se interessa pelo nosso destino. Haverá, por acaso, coisa melhor do que a gente ficar perto de uma pequena de que a gente gosta de verdade e fazer uma declaração de amor em inglês? Hoje, não se faz mais declaração em português, não! Caiu de moda! Não tem graça! — na expressão de um D. Juan.

E agora quem quiser que veja o Alvimar Silva chorando pela volta da namorada. Já vi rapaz fraco! Só dando com um tijolo quente nele!

Segue-se o seu soneto:

SÚPLICA

Vem.. Não me fujas mais, que a vida humana,
Sem o amor, não seduz nem vale a pena,
Que só ele as angústias asserena
E o espelho da ventura desempana...

Não me deixes, assim, na espera insana,
Nesta ânsia tão fatal, que me envenena,
Já que, também, divina Magdalena,
Ânsia igual de tua alma se dimana...

Vem , que o amor, sem amor, se desatina,
E põe, no coração, em que se entrona,
O ódio que gera o mal e o bem domina...

Vem, que o teu com o meu sonho se coaduna
E o teu lábio aos meus lábios abandona,
Para que o nosso amor se desuna!...

Alvimar Silva é um grande otimista. E o que é mais interessante: daqueles que sentem a satisfação de viver em tranquilidade de espírito, vendo a “imensidão azul do firmamento” e reconhecem como poderoso sobre todas as coisas e sobre todas as gerações o sacrossanto nome de Deus.

O que é o homem em se comparando com o chefe supremo de todas as coisas? Um ser humilde que vive dependendo de uma força superior que se chama — DESTINO! Assim, pensa o Alvimar Silva neste soneto:

HOMEM, HUMILHA-TE!

Quando eu levanto os olhos à ideal
Imensidão azul do firmamento,
E, num golpe de audácia, o pensamento
Concentro na grandeza universal;

Sinto se me embaralha o entendimento,
Como a lua retratada no Cristal;
E, quedo diante o sobrenatural,
Tremo de espanto e de aniquilamento...

E, pequenino, inerte e deslumbrado,
Na ansiedade indizível do humilhado,
Pergunto aos céus aos soberanos céus:

“Quem vos criou, mistérios do Infinito?”

E, em letras de oiro e luz na esfera escrito,

Um nome surge em que soletro — DEUS!

Outras produções: “Saudade”, “Serenidade”, “Anseios”, “Amargura”, “Alma”, “Clarões”, “Deus”, “Ontem e Hoje”, “Tenebrosa realidade”, “O meu estranho céu”, “Convite” e “Não há impossíveis”.

Não posso deixar de salientar nestas linhas o esforço que vem empregando o Grêmio Literário Ruy Barbosa, pelo desenvolvimento literário do Espírito Santo. O acadêmico Mario Nunes, incontestavelmente, foi um dos maiores batalhadores do Grêmio.

O poeta Odilon Luna, atual presidente do Grêmio, não deve deixar à margem os moços que formam a ala moça do Espírito Santo intelectual.

Eles representam o triunfo de uma nova geração que se vem desenvolvendo em todas as camadas sociais.

*(Alvimar Silva nasceu em Viana, em 09/04/1911. Autodidata. Administrou o Cemitério Municipal de Vitória e o Serviço de Propaganda e Turismo da PMV. Era casado e teve uma filha. Pertenceu à AEL, na cadeira 21. Suicidou-se em 27/03/1943. Publicou: “Clarões”, poesias, 1935 e vários outros textos em prosa e em verso. Deixou 3 livros inéditos. In: ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. 1982).*

Almeida Cousin

As pessoas que não conhecem o grande poeta Almeida Cousin na intimidade não sabem avaliar o valor da sua personalidade intelectual. Tive o grande prazer de passar algumas horas na sua residência em Jucutuquara, arrabalde de Vitória, e lá o querido vate leu, para eu ouvir, o seu próximo livro “O Amor de D. João”, poemeto lírico. Foi durante aquelas aprazíveis horas que fiquei conhecendo melhor o verdadeiro Cousin da intimidade.

Falando a respeito dos destinos do Brasil, notei que o poeta é um grande idealista. Verificar-se-á melhor quando eu estiver falando com o autor de “Itamonte”. Porque ele ama mais do que ninguém este céu brasileiro onde vemos cintilar com tanto brilho o “Cruzeiro do Sul” — sentinela avançada dos filhos que nasceram no rincão sul-americano.

Almeida Cousin publicou, em 1931, o seu grande livro “Itamonte” que é uma verdadeira Epopeia Brasilista.

Desnecessário se faz a apresentação do autor de “Itamonte”. Quem não o conhece através dos seus abalizados escritos distribuídos pela conceituada Agência “Lux-Jornal”? Naturalmente que ninguém. No seu livro, onde o autor procurou focalizar, baseado em documentos, os principais fatos históricos da nossa nacionalidade, vê-se o seu devotamento por aqueles nossos irmãos que pagaram com a vida o bem que fizeram pela formação da nossa Pátria e pelo aperfeiçoamento da nossa raça.

Cousin realça com grande facilidade as figuras tradicionais de Tiradentes, Cláudio Manoel da Costa, Anchieta, Cunhambebe, Caramuru, Marcos de Azevedo, Zumbi, Paschoal da Silva Guimarães, José Joaquim Maria Francisco de Paula, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, e outros que, direta ou indiretamente; contribuíram na formação da História Pátria.

O autor de “Itamonte” descreve minuciosamente os principais episódios históricos da gloriosa e ativa Minas Gerais, o coração amantíssimo da Pátria. Na primeira parte vejo uma bela descrição sobre a tradi-

cional e histórica cidade de Ouro Preto, onde “via os dramas cruéis de sangue e assassinato ante o sombrio horror do olhar virgem do mato...”

E já no fim do seu poema, com os olhos fitos no futuro da nossa Pátria, destaco um pequeno trecho que é uma forte advertência aos atuais responsáveis pelos nossos destinos administrativos. Vejamos:

E o resto? O resto é nada! *É a canalha da rua;*
 É o *Jeca* do sertão, trabalhador que sua
 No cabo de uma enxada, entregue às verminoses;
 É a clorótica moça ao tear, que as bissinoses
 Hão de levar... É o povo, — uns quase irracionais
 Há doenças? O descaso as chama *tropicais*...
 E vaguem rios sertões em catervas ascosas
 Os bandos da morfeia, abrindo, a carne em rosas
 De corolas de sangue e gineceus de pus!
 Como és sólida e forte, ó Nau de Santa Cruz!
 Que nem podem quebrar-te os pilotos, portentos
 Que o estômago, em Vichy curam... dos orçamentos!

Na segunda parte de “Itamonte” há um pequeno estudo sobre a origem da nossa raça, o nosso povo primitivo, os seus costumes e a sua índole. Um estudo psicológico do homem selvagem.

Na terceira parte vem o hino de brasilidade, nascido nas campinas verdejantes de Minas Gerais, onde o autor procurou estudar com eficiência o episódio do nosso descobrimento e da primeira missa celebrada em terras brasileiras. É daí que nasce a figura inesquecível do grande apóstolo que foi Anchieta, que tem hoje o seu nome ligado ao Espírito Santo como um dos seus mais devotados filhos. O perfil de Anchieta, traçado pela inteligência fulgurante de Almeida Cousin, é o mais real que tenho lido em todos os compêndios de História de Civilização. De fato, a figura venerável daquele Apóstolo de Cristo não poderá desaparecer da nossa imaginação; ele foi um justo para Deus e um grande benfeitor da Humanidade. Onde quer que fosse preciso o seu conforto espiritual ali estava o velho padre, consolando e confortando os que necessitavam da sua palavra de mestre.

ANCHIETA

Renegaste, abnegado apóstolo, a família,
 O mundo, a sociedade, a civilização.
 Não tiveste o carinho ingênuo de uma filha,
 Nem um beijo de esposa ou um abraço de irmão.

Olhos fitos no céu - coroa que brilha
 Na frente do Martírio em tua Religião,
 Empreendeste na terra a estranha maravilha.
 De, homem só, conquistar os índios e o Sertão!...

Singular bandeirante, audaz e humilde, brando
 E forte, penetraste, almas virgens buscando,
 A inóspita floresta, empunhando uma cruz...

E, assim abriste o céu num milagre de graça,
 - Se não tiveste esposa, esposaste uma Raça,
 Sem ter um filho, foste o Pai dos índios nus...

Almeida Cousin, reproduzindo com o brilho da sua inteligência uma linda paisagem “Sobre os Andes”, onde ele via as montanhas de granito “cheias de neve e luz”, mostra-nos o valor da poesia descritiva.

Depois de uma belíssima descrição sobre os píncaros altaneiros das cordilheiras dos Andes, Cousin aprecia a prodigalidade na Natureza em suas múltiplas transições atmosféricas. Assim se expressa:

Oh Musa! Quando viste adejar sobre os Andes
 Cheios de neve a luz, — um colibri mimoso?
 Manda aos condores grandes
 Que, alçando voo majestoso,
 Pairem sobre a montanha! Eu fico na campina,

Somente à águia divina
 Pertence mergulhar, impávida e segura,
 Nos abismos da luz!
 Subir, plainar nos céus à vertigem da altura,
 Musa, não me seduz...

Como deve ser só, como deve ser frio
O azul curvo e infinito, o espaço alto e vazio!...

Cousin não esqueceu de salientar a figura por todos os modos intrépida do grande aventureiro Caramuru, vindo em seguida o valente Cunhambebe, aliado dos franceses que lutavam contra os portugueses e que tinha sob o seu domínio a forte tribo dos Tamoios.

Um soneto que muito bem me impressionou foi o que Cousin escreveu a respeito da guerra holandesa. A descrição é tão perfeita e interessante que seria um crime privar os meus leitores de uma produção tão brilhante! Aí está o referido soneto:

O NORTE

Que de ambições lutando em frente ao Sol da América!
Duas vezes atroa o monte Guararapes,
Entre setas, morriões, espadas e tacapes,
Chuços e lanças no ar, numa batalha homérica!...

Chocam-se Quinas, Leão da Holanda e Leoa ibérica;
Negros, índios, saxões, vestes, tangas, enduapes;
Roma e Reforma - porque, ó terra, mais te empapes
De sangue ante o sol e a natureza feérica!

E, enquanto o índio, o negro, o batavo é o latino,
- Heyns, Valdeuzas, Potis, Albuquerque, Henriques, -
Batem-se, em torvelins, aos sabores da guerra;

Só — contra generais, escravos e caciques,
- O crioulo Calabar decide-lhe o destino,
Como a sentir-se o dono e o que dispõe da terra!...

As melhores poesias da lavra do insigne poeta Almeida Cousin são estas: “Ouro Preto”, “Atlântida”, “O Descobrimento”, “A Primeira Missa”, “Anchieta”, “Caramuru”, “Cunhambebe”, “A Primeira Metrópole”, “O Rio de Janeiro”, “O Sul”, “O Banzo”, “Norte a Sul”, “Luar e Sol”, “O Canto do Gigante”, “O Poema do Rio Doce”, “Antonio Dias”, “O Ouro do Tripuí”, “Sabará”, “O Rio das Mortes”. “Francisco”, “O Tejuco”, “Araxá”, “Baepen-

di”, “Encantamento”, “Terra Oprimida”, “O Hálito das Minas”, “Terra Sonhadora”, “Angústia Dourada”, “Os Conjurados”, “Agonia”, “Os Degredados”, “Raça”, “Tiradentes”, “Apocalipse”, “In Alto”, “Credo”, “Os Profetas nas Trevas”, “Os Lobos”, “Muito Longe”, “América” e “Último Canto”.

(José Coelho de Almeida Cousin nasceu em Sacramento, MG, em 15/12/1897. Estudou no Ginásio Mineiro e no Colégio Pedro II. Formou-se em Farmácia, em Ouro Preto, em 1920, e em Direito, em Vitória. Foi Redator da Revista “Vida Capixaba” e Professor do Colégio Pedro II, na Faculdade de Farmácia de Vitória, no Ginásio do Espírito Santo e no Liceu Nilo Peçanha, de Niterói. Pertenceu à AEL, na cadeira 16. Morreu em 11/03/1991. Deixou vários livros publicados. In: ELTON, Elmo. Poetas do Espírito Santo. 1982).

Cyro Vieira da Cunha

Cyro Vieira da Cunha é uma das penas mais brilhantes do Espírito Santo. Posso afirmar, sem receios de errar, que é o escritor capixaba mais lido neste recanto brasileiro. Os seus escritos, inegavelmente, são impregnados de um grande lirismo e a sua alma de poeta apaixonado vibra de contentamento quando idealiza uma criatura

Não me engano, bem o sei, em dizer que é o Humberto de Campos do Espírito Santo. Porque tudo o que escreve é bom. Agora, leitores, uma pergunta: — sabeis como o Cyro Vieira da Cunha triunfou nas letras? Não sabeis? Pois eu direi: - pelo talento. Só. Nada mais. Não necessitou de padrinhos políticos. Aqui no Brasil (acredito que nas outras nações também), o indivíduo que não tiver um bom “pistolão” não vence com facilidade. É sabido de todos. Muitos sabem mas não têm coragem de dizer. E eu estou dizendo. Dizendo a verdade. Nítida e clara. E quem achar ruim aqui estou. Disposto para tudo. Menos para brigar. Eu sou um pernambucano degenerado. Não gosto de faca. Nem de capoeira.

Há poucas pessoas que sabem a vida íntima do Cyro. Mas agora ficam sabendo de tudo. Não deixarei nada. Contarei tudo direitinho. Ele é uma criatura interessante. Interessantíssima. Fuma mais do que uma crioula da África. E faz parte da Liga Pró-Temperança. Fala muito quando não tem o que fazer e pouco quando se acha trabalhando. Ótimo método. Excelente. Evita muitas tolices. Além de tudo, o Cyro tem um formidável diploma de médico. Igualzinho ao de Miguel Couto. Não há diferença. Nenhuma mesmo.

Foi em Castelo, uma linda cidade do sul espírito-santense, que ele viveu muitos dos seus anos. Ali o conhecemos levando a sua vida metódica. Debaixo de uma grande simplicidade (perdoe-me a ironia) ele é um grande poeta e um excelente prosador. O seu espírito humorístico, a sua convicção de crítico literário, a singeleza das suas palavras e a sinceridade dos seus comentários contribuíram eficazmente para a glória do seu nome.

Em Castelo era conhecido como um grande amigo da humanidade. Dizem até que ele raramente cobrava uma receita. O que é raro. Raríssimo

até. Especialmente agora que as coisas estão ficando pretas. De tanto ser bondoso quase ficou de “tanga”, como dizem os garotos da rua. E havia mais o seguinte: ninguém ficava doente. Por quê? - perguntam os caros leitores. Porque logo que um enfermo alterava a pulsação e a febre aumentava de 38 para 39, o Cyro, sempre risonho, inventava umas anedotas hiperbólicas e era o bastante: No dia seguinte o cliente estava vendendo café lá na esquina do mercado. Querem mais uma prova? Fizeram um novo cemitério e onde arranjar defunto para a inauguração? Foi preciso pedir emprestado um defunto no município de Cariacica para o ato inaugural da praça fúnebre.

Diante de tudo o que aconteceu, resolveu ir para Vitória. Não tardou a ser aproveitado. Os espíritos superiores não podem ficar esquecidos. Convidado para assumir o cargo de redator-chefe do “Diário da Manhã”, ali se acha até a presente data. É professor da Escola Normal, Colégio Americano Batista e do Colégio N. S. Auxiliadora. E ainda fiscaliza a Escola Superior de Comércio de Vitória.

Cyro Vieira da Cunha no físico é assim: estatura mediana, 62 kilos, cabelos pretos e um formidável par de óculos que na opinião do poeta pernambucano Pereira de Assumpção, é uma cangalha para se pôr sobre o nariz. Cyro Vieira da Cunha tem ideias de profeta. O que eu não sabia. E agora já sei. Descubri há dias passados no seu soneto “Semeador”. Quem sabe? Ele é capaz de fazer alguns milagres surpreendentes. Eu é que não vou confiando muito nas suas artimanhas. Alguém já disse que todos os poetas são loucos. Felizmente eu já deixei de fazer versos. Estou livre de visitar a Praia Vermelha por motivos forçados. O Cyro mostrou-se tão compadecido que até faz a gente ficar desconfiado. Desconfiado de tão repentina mudança. “*E darei ao que sofre a hóstia da esperança...*” Muito bem! Linda frase! Vou até aproveitá-la para o “Círculo dos Amigos de Marden”. Estou até arrependido do juízo que fazia do Cyro. Julgava-o libertino como todos os poetas. Meu Deus! Como o tempo muda!

O Cyro num momento de tristeza:

Nada tive de tudo quanto quis,
Tenho apenas o orgulho de ser triste
E a glória imensa de não ser feliz...

O Cyro sensual:

Neste anseio de amor em que flamejo
Espero a merecida recompensa
Na volúpia vermelha de seu beijo...

O Cyro alegre e satisfeito:

Nossa vida era bem um céu aberto,
Céu resumido numa ânsia louca...
E eu tinha aquele céu de mim tão perto,
Pois trazias o céu em tua boca...

E agora se nos apresenta o Cyro profeta, regenerador incansável da humanidade:

SEMEADOR

Oh! semente feliz! tua glória eu bendigo,
Nos momentos de dor e nas horas de acalma,
Porque, embora a procure, e muito, não consigo
Uma glória encontrar que à tua leve a palma.

Abrindo as mãos ao vento e derramando trigo
Em sementes de luz, tens um gesto que acalma
Na promessa do pão, as ânsias do mendigo,
Na certeza da hóstia as aflições da alma...

Em teu gesto sereno há um canto de vitória,
Um bocado de sonho e um bocado de prece,
A flor de caridade e o sorriso da glória...

Semeador! teu exemplo eu terei na lembrança.
E darei, na cartilha, o pão que fortalece,
E darei ao que sofre a hóstia da esperança...

Os principais sonetos de sua autoria são: “Ciúmes”, “Glória”, “Perfume”, “Papá Noel”, “Rosa de Amor”, “Saudade”, “Calvário”, “Noite de Insônia”, “São João”, “De Volta”, “Teu Olhar”, “Esperar”, “Tortura Gloriosa”, “Versos de um Pierrot”, “Ninho Abandonado”, “Cirandinha”, “Por muito te querer”, “Cocaína”, “Gladiador de Sonhos”, “Era uma vez...” e “O Poeta”.

(Ciro Vieira da Cunha nasceu em São Paulo, em 01/06/1897. Formou-se em Medicina, no Rio, em 1922, mudando-se para Castelo onde fundou e dirigiu o jornal “A Hora”. A partir de 1932, mudou-se para Vitória, onde dedicou-se ao jornalismo e ao magistério. Faleceu em 26/07/1976. Pertenceu à AEL, na cadeira 25. Publicou vários livros, dentre os quais “Espera inútil”, poemas, 1933.)

Benjamin Silva

Cachoeiro de Itapemirim, o coração e o orgulho do Estado do Espírito Santo, pelo seu desenvolvimento industrial e pelo valor de seus filhos, merece, com grande justiça, um lugar de destaque na organização da história deste Estado. Inegavelmente o município de Cachoeiro de Itapemirim é o que tem contribuído com o maior número de homens de letras no Estado. Não estou exagerando e muito menos bajulando a quem quer que seja. Mas a pessoa que tiver um pouco de paciência poderá percorrer os arquivos da Biblioteca Pública do Estado que encontrará os dados suficientes para a elaboração de uma pequena Antologia.

Já tive a oportunidade de verificar alguns dados biográficos dos homens ilustres daquele próspero município, chegando mesmo a obter um resultado animador do quão elevado é o grau de civilização daquele povo culto, pacato e trabalhador. Tratando-se das letras, nenhum outro município oferece maior coeficiente de nomes ilustres.

Benjamin Silva nasceu em Cachoeiro de Itapemirim. É possuidor de um talento que muito o distingue no seio do intelectualismo capixaba. Atualmente está residindo no Rio de Janeiro onde emprega a sua atividade no comércio da grande metrópole. Cuida das letras cambiais e, nas horas vagas da sua exaustiva profissão comercial, escreve bons versos para os que cultivam a arte de escrever.

A sua “bagagem literária” não é grande, mas, o que até hoje tem escrito, vale por milhões de sonetos cheios de falhas que notamos neste país de pseudopoetas. Não há um só verso de Benjamin Silva que não mereça a nossa admiração pela facilidade de expressão de que é possuidor. Admiro os seus versos porque são simples e espontâneos. E um verso forçado, por muito bem escrito que seja não fica bem aos nossos ouvidos, ao passo que o consagrado poeta, num simples soneto, conta uma história com os seus pequenos acidentes naturais, mostrando-nos destarte, o valor do verso espontâneo.

JUDEU ERRANTE

Eu sou como a andorinha forasteira,
Que procura pousada onde anoitece,
E logo após, pela manhã primeira,
Sacode as asas e desaparece.

Não troco a cama ao vento, sobre a poeira,
Pelas alcovas em que o amor floresce:
Prefiro quase sempre a rude esteira,
Que o morador da estrada me oferece.

Eu sou assim como o Judeu da Lenda,
Que nunca teve amor nem teve tenda,
Vagando só, pelo deserto a esmo!

E como ele me vou: — sem lar, sem ninho!
Sempre a fugir da graça e do carinho,
Para ser livre e dono de mim mesmo!

Em Cachoeiro de Itapemirim existem duas pedras que se chamam “O Frade e a Freira”. Batizaram-nas porque efetivamente lá existem as pedras que representam duas perfeitas esfinges. E a história tradicional daquela cidade reza que, há tempos passados, existiam ali um frade e uma freira que se amavam louca e mutuamente. Tornou-se até popular. E, como nos contos de fadas, ficaram petrificados. Não sei se foi castigo do destino ou se *Deus os perdoou lá no infinito* abençoando o divino pecado do amor. O que eu sei é que “O Frade e a Freira” lá estão petrificados para quem quiser ter o trabalho de ir até lá. Benjamin Silva descreve melhor do que eu o que foi e o que realmente é:

O FRADE E A FREIRA

Na atitude piedosa de quem reza
E como que num hábito embuçado,
Pôs naquele recanto a natureza
A figura de um frade recurvado.

E sob um negro manto de tristeza
Vê-se uma freira tímida a seu lado,
Que vive ali rezando, com certeza,
Uma oração de amor e de pecado...

Diz a lenda... uma lenda que espalharam.
Que aqui dentre os antigos habitantes
Houve um frade e uma freira que se amaram...

Mas que Deus os perdoou lá no infinito,
E eternizou o amor dos dois amantes
Nessas duas montanhas de granito.

Benjamin Silva, esse poeta iluminado, sem exagero nenhum, poderia figurar entre os nossos principais poetas nacionais. Ele não é menor do que o Murilo Araújo e o Paschoal Carlos Magno. Sabe compor um verso com muito sentimento e muita suavidade.

Para se ter uma ideia exata do estro poético do aludido vate, transcrevo o seu emotivo soneto:

CHEGADA

Ela chega hoje. Tudo em festa a esperar!
A própria natureza se irradia
E manda-nos um sol de primavera
Para vestir este formoso dia!

Há em tudo uma alegria tão sincera,
Que em tudo anda uma nota de alegria.
Nota que alguém, oculto, compusera,
Como expressão de amor e de poesia!

Meu pensamento se impacienta, na ânsia
De ver chegar essa hora desejada,
E de matar de vez esta distância!

Mas quando tudo a espera com carinho,
Não a espera minh'alma alucinada,
Que foi voando encontrá-la no caminho!

E é assim o nosso querido Espírito Santo... a terra em que as próprias pedras de granito simbolizam o perdão do Criador para com aqueles que souberam dignificar o amor na sua divina realidade biológica.

*(Benjamin Silva nasceu em 20/07/1886 e morreu em 10/06/1954. Publicou "Escada da Vida", em 1938, com prefácio do senador Atílio Vivacqua, seu cunhado. In: ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. 1982).*

Antônio Pinheiro

Eu me achava em Manhumirim, no Estado de Minas Gerais, em Julho do ano passado, a serviço da minha modesta profissão. Transferido daquela cidade mineira para esta cidade espírito-santense, antes de vir fixar residência aqui, fui até a Cidade-Presepe — que é a nossa linda capital, banhada por uma das mais encantadoras baías do Brasil. Durante a minha pequena estadia em Vitória, uma plêiade de jovens intelectuais entendeu de me prestar uma homenagem no Salão da Academia Espírito-santense dos Novos, Cenáculo de Letras existente neste Estado. Fui recebido oficialmente pelos simpáticos acadêmicos. Falou, em nome da Academia, o poeta Abílio C. de Carvalho, moço culto e de um futuro risonho. Na minha pequena saudação, tive o devido cuidado de aproveitar a oportunidade que se me apresentava para desenvolver considerações a respeito da invasão do materialismo científico no espírito dos moços de hoje e fiz um apelo aos meus colegas no sentido de trabalharem abnegadamente pelo engrandecimento das letras no rincão capixaba.

Foi naquela memorável hora de arte que conheci o espírito cintilante de Silveira Rosa, o homem que conhece o materialismo de Alfa a Ômega.

Silveira Rosa foi o meu adversário intransigente no campo científico. Desprezando os conceitos de Ingenieros e Pauchet, ele acha que o mundo marcha em linhas paralelas com a evolução do materialismo. Não chegamos aonde devíamos chegar porque os poetas Alvimar Silva, Antonio Pinheiro e Abílio C. de Carvalho ficaram de acordo com as minhas ideias e o sr. Silveira Rosa não se deu por vencido.

Muito satisfeito fiquei naquela sessão porque o meu apelo encontrou eco no coração dos meus ilustres confrades capixabas. Não tardou a ser inaugurado em Vitória um Grêmio Literário, cujo patrono é a figura venerável do nosso grande mestre de Direito — Ruy Barbosa.

E assim, pelas iniciativas de seus abnegados filhos, o Estado do Espírito Santo é hoje uma Federação onde cada capixaba possui no íntimo uma centelha de civismo.

Início os meus comentários com o poeta Antonio Pinheiro. Trata-se de um rapazola que vem vencendo, no terreno ingrato da literatura, com bastante facilidade. O que mais o caracteriza é a sua força de vontade. Não desanima. É sempre forte para fazer desaparecer os obstáculos. Precisamos de rapazes otimistas e que tenham coragem de enfrentar os dissabores da vida.

Antonio Pinheiro é um grande enamorado da arte.

Adora a pintura. Revela que sabe ser poeta.

O poeta é o produto da arte na glorificação da própria arte. E aquele que não consagra a arte que imortalizou Vanloos não sabe o que representa o valor da pintura na arte. Não há arte sem poesia; não há poesia sem arte.

Antonio Pinheiro, num momento de inquietação, escreveu um terceto que veio elucidar o seu espírito de rapaz experimentado na vida. Ele não admite uma sociedade viciada. Ainda mesmo que o Silveira Rosa opine de modo contrário.

Tem razão o Antonio Pinheiro quando diz:

*Desprezo os bens que existem sobre a terra:
Amores... Faustos... Tudo o que ela encerra,
pois tudo é impuro, é lama envenenada...*

Mas o poeta só é mau quando está encolerizado. Ele ainda está na época em que se acreditava na psicologia do sonho. E o que é o sonho? Simplesmente a transmigração dos nossos pensamentos evolutivos. Pensamos durante o dia e sonhamos durante a noite. E o poeta, mesmo acordado, foi, é e será sempre um eterno sonhador.

Ei-lo agora idealizando dias melhores, juntinho daquela que tomou conta do seu coração:

*Se algum dia, querida, o nosso sonho
tornar-se realidade, ó céu, risonho,
há de a fronte aureolar-nos de esplendor!...*

O sonho de um poeta é uma esperança que se desenvolve mentalmente. Façamos um confronto do terceto acima com este abaixo:

*Esperança... ilusão sempre risonha...
Luz que ilumina o olhar moribundo,
Quimera encantadora de quem sonha...*

Todo indivíduo que pensa é um escravo do pensamento. E o pensamento é o guia dos que vivem de pensar no que os outros pensam. Antonio Pinheiro em criança consultou um velho Peregrino a respeito de seu futuro. Se ele soubesse, naquela época, que tinha vindo ao mundo para se tornar um poeta, não necessitaria de saber qual o destino que havia de ter.

O destino do poeta se resume nisto: Mulheres!... Flores!... Músicas!... Um cachorro... Uma corda... e um pouco de soda cáustica... e nada mais. Antonio Pinheiro vai contar o seu:

DESTINO

Foi no tempo em que eu era inda menino:
— Chegara ao lugarejo onde eu morava,
um velho negromante que apregoava
do povo conhecer todo o destino.

Fui vê-lo, sem tardar, pois me encantava
saber o meu porvir. O Peregrino
a quem Deus concedera o dom divino
com pausa e gravidade me falava.

Falou-me do presente e do passado...
Depois, em tom solene e compassado,
com estranha voz e singular maneira,

chamou-me: “Vinde ver vosso futuro!”
E eu vi, num globo de cristal escuro,
o sinistro sorrir de uma caveira...

Outras produções do mesmo autor: “Indecisão”, “Desilusão”, “Suplica”, “Transcendental”, “Nosso Amor” e “Fim Supremo”.

(Antônio Pinheiro nasceu em Guarapari em 15/01/1911. Autodidata. Morou em Vitória até 1944, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na imprensa. Publicou “Cinza: Poeira de ilusões”, poemas, 1938 e foi membro da AEL, cadeira 24. Morreu em 23/11/1986, no RJ.)

Ruy Côrtes

Ruy Cortes é um vate que tem produzido bons versos.

Não me vem à ideia de já ter lido que um ferreiro tenha chegado a ser poeta. Pois bem, o Ruy foi por diversos anos ferreiro daqueles bons. Cansado do sopro de um fole e do bater constante de um martelo quente como ferro em brasa, abandonou a ferraria para estudar odontologia. Que mudança esquisita! Extraordinária!... Os leitores têm coragem de extrair um dente com um ferreiro? Nem eu!...

Ruy Cortes dedicou-se com grande amor aos estudos e, praticando ao mesmo tempo, não tardou a ver coroado de êxito os seus esforços. Antes de se formar pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Vitória, Ruy Cortes andou fuzilando uns dentes velhos no arrabalde de Sant'Anna do José Pedro, espécie de exílio para os funcionários públicos. Antes do Ruy, estive internado ali cerca de 15 meses.

Lá se acha na cidade de Alegre consertando dentes e obturando cárie de seus clientes. Os meus sinceros parabéns pelo sucesso. Que ele se torne profundo conhecedor do ramo da sua atividade — é o que o Estado do Espírito Santo almeja.

Passando de um polo ao outro. Esperamos agora do Ruy Côrtes versos diferentes. Por quê? — perguntam os curiosos. Porque o bardo aos 32 anos resolveu chegar à realidade biológica. Está casadinho de novo. Já é um grande enredo para as suas próximas produções, não? Esperemos confiantes os seus versos realistas.

Ele deve ter bastante assunto para transmitir aos leitores. Especialmente para as suas ex-namoradas. Dizem que em João Pessoa — uma cidade deste Estado que se chamava antes da Revolução de Outubro Mimoso, — ele costumava roubar os corações dos outros. Quando sabia que um colega tinha arranjado uma “zinha” não dava folga. Não sei se é verdade. Pediram-me segredo e eu prometi pelo amor de São Benedito que não iria contar a pessoa nenhuma. Os meus leitores tenham a bondade de não passar adiante. Que fique apenas em família. Do contrário o Ruy tem

que acertar a escrita com a sua cara metade e contar a história direitinho.

Em barulho de família eu não dou opinião. Quanto mais se ele soubesse que no Estado do Espírito Santo existe uma criatura que ficou triste quando soube que ele era noivo de uma criatura alegre! Fiquem quietos! Do contrário ele virá a saber e fica todo convencido...

No seu “Manifesto” apresentado ao concurso do “maior poeta moço do Espírito Santo”, ele deu início à sua biografia e vem confirmar algo que falei a seu respeito:

MANIFESTO

Entre os poetas moços desta terra,
Incluíram, há dias, o meu nome.
Que *blague!*... Até meu fraque abriu as abas...

Preciso protestar; isto me aterra!
Pois não sei como me apresente e dome
As belas eleitoras capixabas.
Estou pensando... E o meu leitor que diz?
Eu tenho a vida cheia de gravetos
E a alma doente... de sonhos e de histórias.
Quanto às letras, não sei em que mais fiz.
Se rabiscando quadras e sonetos
Ou assinando letras promissórias.

Mas preciso dizer às eleitoras
Que não se enganem sobre o que mereço,
É já bastante o peso que carrego...
Tenho ideias que são as causadoras
Do que sofro, por isso que não peço
Nada emprestado para pôr no prego.

Não tive professor. Minha vidinha
Foi sempre de pobreza e dissabores.
Vejam como estudei (Ninguém se ria):
História — com filhos da Candinha,
Aritmética — em notas de credores,
E gramática — numa ferraria.

Hoje, conserto dentes e, por praga,
— Creio — o dinheiro foge-me das vistas.
Por isso, eu versejar para os patetas...
Mas, segundo a opinião de Rubem Braga,
“Sou o melhor poeta entre os dentistas,
Sou o melhor dentista entre os poetas”.

Contudo, eu não pretendo ser eleito.
Pelo que disse, é bem de acreditar
Numa pilhéria que a ninguém magoou.
Mas, se ainda alguém não fica satisfeito,
Espere um pouco: — agora eu vou mostrar
Uma prova provada do que sou:

Certa vez, quis ser crítico de arromba.
E arranjei uma frase que pegou.
De tijolos chamei os maus sonetos,
(isto é: menos os meus). Mas oh! que bomba!
O azar do meu castigo não tardou:
Nesse dia, eu vi sete gatos pretos.

Foi a conta. Pois vejam: — não liguei...
Por isso, convencido, zombador,
Pus-me, calmo, a espremer os meus miolos...
Fiz seis sonetos. Mas, quando acabei,
Olhei... pensei... terão algum valor?
E vi que havia feito seis tijolos...

Os seus principais versos: “Manifesto”, “Sangue verde”, “Meu poema para você”, “Quiméra”, “Praga de mãe”, “Carta n. 1”, “Carta n. 2”, “Soneto”, “A Coruja”, “Lago tranqüilo”, “Corações”, “Poema da dor e da ternura”, “Terra Capixaba” e “De Longe”.

(José Antônio Ruy Côrtes nasceu em Barra Mansa, RJ, em 26/02/1898. Foi odontólogo, juiz de Direito e Jornalista. Publicou: “Makako Makarenko”, contos, “Rimário de Tita”, versos e “As pernas do Senhor Diabo”, contos. Pertenceu à AEL, na cadeira 38. Morreu em Vitória, em 1995.)

Nilo Aparecida Pinto

O futuro do Estado do Espírito Santo é deveras risonho. A nossa mocidade estuda de verdade. Já não se limita os estudos obrigatórios nos estabelecimentos a que pertencem. Não. Vai além. Organiza grêmios literários, festivais artísticos e realiza conferências literárias e científicas pelo interior do nosso Estado.

É a mocidade que desperta da letargia a que estava submetida. E é desta mocidade estudantina que esperamos dias auspiciosos. Porque indiscutivelmente ela será o leme que deve guiar a mentalidade da nossa gente adormecida pela indiferença e pelo desprezo a tudo aquilo que diz respeito aos nossos costumes. Precisamos acabar com o espírito regionalista. Precisamos de acompanhar os passos das nações civilizadas. O mundo é um facho que se acende e se apaga. Acender significa: iluminar o espírito do homem; apagar significa: viver em trevas. Precisamos de luz! E ela é a nossa inteligência. Vejamos o grito de confiança do poeta Nilo Aparecida Pinto:

Hoje, volto glorioso da Cruzada:
Trago a bandeira altiva desfraldada,
Ostento o meu brasão de triunfador...

O jovem poeta Nilo Aparecida Pinto é fraco em questões de amor. Falta de treino com certeza! Talvez a sua pequena idade seja o fator primordial da sua falta involuntária. Deixa-se ficar horas a fio olhando a “zinha” da rua Coutinho Mascarenhas e esquece os loiros da vitória para só admirar aquela criatura divinal que é o objeto mais precioso da sua existência:

Vem!... Iremos gozar, num Paraíso,
A doce primavera de teu riso
Na noite enluarada de teus olhos!...

O garoto que se fez poeta tenciona escrever um soneto por dia. Acho que ele não pensa bem. É mil vezes preferível compor um bom

soneto do que cinco ruins.

Nem os próprios Guilherme de Almeida e Olegário Marianno seriam capazes de produzir um soneto por dia que fossem apreciados como ótimos. Desista, meu caro! Escreva menos e produza bons versos. Não é a quantidade de sonetos e poesias que leva o indivíduo ao “Petit Trianon”. Não. É a ilusão de muitos dos nossos poetas. O estilo e a imaginação são os dois fatores necessários ao triunfo. Leia bastante, meu caro Nilo, que você alcançará o que almeja. Agora um conselho de amigo: não se deixe levar por assuntos amorosos. Todos os poetas gostam de sintetizar nos seus versos o Deus Cupido. Não se preocupe com eles. Faça sonetos históricos. É menos batido e agrada mais. É um veterano que fala. É um vate em disponibilidade, sem vencimentos. Eu sei que você é um grande ciumento. Ciúme é falta de confiança! Os poetas ciumentos têm um futuro triste. Conhece a história de Hermes Fontes? É um exemplo.

Nilo Aparecida Pinto idealizando uma “Princesa encantadora” e que ainda por cima seja feita de sol e de bondade não podia por hipótese alguma pensar no deserto da sua mocidade e muito menos em ser um “beduíno vestido de desgosto” ajoelhado “ante a miragem” do semblante de sua princesa. Não. Ele deveria até ficar satisfeito e esperar “as estrelas de fogo” dos lábios da sua pequena.

Felizmente em Vitória há uma Companhia de Bombeiros para prestar benefícios ao poeta de “Gritos no deserto”. Uma estrela de fogo, francamente, deve queimar bastante. Deve ser mesmo horrível! Então os lábios da sua pequena é algum depósito de meteoros? O que o ilustre poeta viu nos lábios e nos beijos da pequena pode ter sido um pouco de “batom” e outro tanto de “rouge” e daí os ressabios de fogo!... Efetivamente o “batom” é vermelho... e assim parecido com fogo!... Não concorda? O Teixeira Leite que sirva de testemunha por ocasião do primeiro incêndio que houver nos lábios da namorada de Nilo Aparecida Pinto!...

Aí está para a delícia dos leitores o original soneto da lavra do aludido poeta:

GRITOS NO DESERTO

Oh Princesa encantadora, de ternura,
Alma feita de sol e de bondade!
Dá-me um traço dourado de ventura...
Dá-me o luar da tua claridade!...

No deserto da minha mocidade
 Falta o oásis da tua formosura...
 Sinto que piso a areia da saudade
 Entre o “simum” da dor e da amargura!

Beduíno vestido de desgosto,
 Levando a cruz ardente dos cansaços,
 Ajoelho ante a miragem do teu rosto...

Aclara a noite azul dos meus desejos
 Com a branca Via Láctea dos teus braços
 E as estrelas de fogo dos teus beijos!...

Apreciemos este outro soneto:

DONA ESPERANÇA

Eu era o rapazinho mais bisonho
 Que andava pelas ruas do lugar!...
 Certa vez ela achando-me tristonho
 Abriu-me as portas verdes do seu lar...

E vivemos, os dois, num céu risonho...
 E prometeu-me nunca me deixar!...
 Ela era a flor de seda do meu sonho
 E tinha um corpo branco de luar!...

Porém, um dia, num adeus sombrio,
 Deixando, atrás, o nosso lar vazio,
 Partiu despetalando um malmequer...

E só depois quando eu me vi sozinho,
 Foi que meu pobre coração velhinho
 Lembrou-se que a Esperança era mulher!...

(Nilo Aparecida Pinto nasceu em Caratinga/MG em 23/06/1915 e faleceu no Rio de Janeiro em 15.01.1974. Publicou vários livros, sendo um de trovas: “Meu coração em cantigas”. Residiu por bom tempo no Espírito Santo. Trovador de raro talento. Foi tabelião. Exerceu o cargo de auxiliar direto de Juscelino Kubitschek na Presidência da República. Passou os primeiros 20 anos de sua vida em Vitória do Espírito Santo, onde se formou em Direito e iniciou sua carreira de jornalista e de escritor.)

José Vieira Tatagiba

Leon Tolstói quando visitou pela última vez o consagrado escritor russo Anton Tchecok disse com grande entonação na voz: -A poesia é a alma do pensamento! E Anton Tchecok confirmou dizendo com a sua simplicidade:-E o pensamento é a alma da poesia! Turgueniev discordou de ambos e argumentando com a lógica que lhe era peculiar disse que não há poesia nem pensamento sem que haja em primeiro lugar o sentimento. Uma poesia só agrada quando há nela o sentimento da emoção. Uma poesia da emoção. Uma poesia que faça vibrar o íntimo da pessoa. Só assim o pensamento se junta à alma.

Provarei agora mesmo. Um pouco de calma. No Brasil não há pressa. Caranguejo perdeu a cabeça porque andou apressado. Foi o que me disse o grande poeta Almeida Cousin. Se não é verdade a culpa não me cabe.

José Vieira Tatagiba é um nome já conhecido dos leitores de “Correio da Manhã”, “Diário da Manhã e “Vida Capichaba”. Seus versos são bem inspirados e possuem imaginação.

O seu soneto “Inocência” é um monólogo sentimental. Não há uma pessoa que tenha no íntimo a recordação de uma genitora desaparecida que não sinta a emoção transbordar lhe o coração. Só os que não se importam e não sabem o que significa o amor de mãe, poderão se negar a apreciação do aludido soneto. É a alma inocente que pergunta; é a voz de um pai que responde. Nele vemos o interesse de rever a sua mamãezinha quer da; nele notamos a dissimulação de uma recordação.

Aí está um soneto, simples e muito expressivo:

INOCÊNCIA

Papai? Mamãe morreu? Morreu filhinha.
Quando morre, para onde vai a gente?
Para o céu. Tua mãe era boazinha.
Gente boa pertence a Deus somente.

Então foi Deus que carregou mãezinha
Para o céu? Não estava ela doente?
Ela podia andar? E a inocentinha
Sorria no sorriso do inocente.

Indo a gente p'ro céu, custa a voltar?
A gente pode lá, também, passear?
Coisa bonita há lá para se ver?

Papai? quando é que vamos ver mãezinha?
Só depois que morrermos, filha minha.
Papai? Quando é que vamos nós morrer?

José Vieira Tatagiba sabe procurar um assunto menos batido e que mais agrade aos leitores. No soneto anterior ele nos mostrou o valor de um verso dialogado. E agora vem com este outro soneto mostrando-nos o que um rapaz gosta de perguntar nos salões de bailes as senhoritas com quem dança. Vamos apreciar um novo diálogo:

ESTRELA DO SUL

Menina, então não dança? Ela sorria...
“Só se for com você”. “Não sei dançar.
Com prazer, se soubesse, dançaria
Com essa figurinha singular.”

“Ainda faz versos?” “Gosto da poesia
Que nos eleva ao céu para sonhar...
Acho que o poeta é a vida em harmonia
Com a beleza, a graça e o dom de amar.”

“Você é uma poetisa interessante;
Ouvi-la é recordar o céu de Dante;
Ver em Florença a Beatriz da fama!”

Nisto, escutamos uma ária dolente:
“Queria ser feliz!” E, tristemente.
Baixou os olhos, olhos de quem ama...

O soneto do sr. Tatagiba é apreciável. Não concordo, entretanto, com o título. Qual o enredo para ser intitulada “Estrela do Sul”. O sr. Vieira Tatagiba devia ter batizado o seu soneto com o nome de “A resignação do poeta...”, por exemplo. O sr. José Vieira Tatagiba é advogado na Comarca de Alegre.

(José Vieira Tatagiba nasceu em São José do Calçado, ES, em 1º de outubro de 1895, cursou direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi promotor na então comarca de São Pedro do Itabapoana, ES., tendo sido juiz em Alegre e São Mateus. Além de Magistrado era poeta e escritor, casado com a poetisa Maria Antonieta Tatagiba. Morreu em Belo Horizonte em 26 de setembro de 1952.)

Nicanor Paiva

Nicanor Paiva é um dos poetas capixabas que se destacam pela inteligência. Rapaz esforçado e de muito futuro nas letras. Estudioso, e além de tudo sabe aplicar os seus pensamentos com superioridade. Na Academia de Comércio de Vitória sempre se destacou como um dos principais alunos daquele estabelecimento. E foi assim que ele conquistou o elevado posto de capitão do Regimento Policial Militar deste Estado.

Nicanor Paiva não se esqueceu de escrever um soneto cívico em memória daqueles bravos jovens que tombaram em Copacabana em defesa dos seus ideais. A epopeia cívica dos “18 do Forte” foi o toque de clarim de uma mocidade entusiasta que almejava um Brasil grandioso e respeitado. Apreciemos o seu memorável soneto:

18 DO FORTE

Calou-se o mar! As fúrias tenebrosas
Do esbarrondar das vagas de granito,
Se transformaram em ondas preguiçosas
Buscando o azul profundo do infinito!

E o céu de nuvens brancas volumosas,
Bordados de oiro à luz de um sol bendito
Toldou-se; e agora, as nuvens tormentosas
Passam rondando com estranho rito.

Tudo se envolve em dor e nostalgia! ...
— Quebram o silencio túbio, uns passos cavos
Numa cadência tétrica e sombria! ...

E em clarinadas rompe o sol mais novo,
Levando à Glória esses dezoito bravos
Que deram a vida p'ra remir um povo! ...

Nicanor Paiva naturalmente esqueceu os feitos heroicos dos “18 do Forte” e achou de cantar nos seus versos a vida bucólica dos nossos campos nas suas múltiplas transformações atmosféricas. Ele vê a “aragem baloiçando as flores” e mais adiante passa os olhos sobre “as colinas de vistosas cores” onde a sublime natureza, sempre pródiga nas suas modulações, mostra ao bardo capixaba “as nuvens soltas pelo espaço em fora, simbolizando o amargurado pranto...”, o pranto em que os poetas não se consolam na plenitude das suas superstições imaginárias. Foi o que pensei do enredo de:

ANUNCIAÇÃO

Lá do Ocidente, no exterior do dia,
Vem doce aragem baloiçando as flores...
A luz de Apolo amortecida e fria,
Cobre as colinas de vistosas cores!

O lago espalma em placidez sombria
E espelha um céu de siderais fulgores;
O cisne evoca uma canção tardia,
Como sentidas expressões de dores!

Vem da amplidão, onde o mistério habita,
A nostalgia a me envolver no manto
Dos sonhos vãos e da saudade aflita;

Vêm nuvens soltas pelo espaço em fora,
Simbolizando o amargurado pranto
Que há tantos anos nos meus olhos mora! ...

Diversas outras produções do mesmo autor: “Descrença”, “Dúvida”, “Inveja”, “Soneto”, “A minha dor”, “Samaritana”, “O mendigo”, “Suplica”, “A minha esperança” e “Paralelo”.

(Nicanor Paiva foi militar, tenente do exército, um dos fundadores da AEI, em 1933 e presidente da Federação Capixaba de Futebol, 1940-1).

Mileto Rizzo

Os leitores conhecem o poeta Mileto Rizzo? Não sabem que é irmão de Rosário Rizzo? Pois se não sabem, fiquem sabendo agora!

Mileto Rizzo quando solteiro não ficava devendo nada ao Paula Ney. Gostava de uma farra. Era interessante vê-lo declamando nos salões. Os seus versos eram cheios de sentimentalismo. Não podia olhar para uma representante do sexo frágil (hoje forte) que não fizesse um soneto dedicado às Evas deslumbrantes que passavam na retina visual dos seus pensamentos. Pois bem, leitores, Mileto Rizzo, o poeta da orgia, casou. Uma carioca roubou o seu coração e com ele a poesia. Uma mulher dominou o coração de um homem boêmio. E a nossa gente perdeu um poeta,

O autor de “Palácio em Ruínas...” possui uma grande variedade de poesias inéditas. Escritas quando estava solteiro. A sua bagagem literária é valiosíssima.

PALÁCIO EM RUÍNAS

No País divinal da minha Fantasia,
Alevantei, senhora, um palácio encantado...
Onde cheios de fé, pudéssemos, um dia,
Tecer, do nosso amor, o ninho abençoado.

Dei-lhe expressão na forma e encanto na harmonia,
Na louca embriaguez de meigo enamorado...
E a argamassa sutil, de fina pedraria,
Fi-la, dos sonhos meus, de esteta apaixonado.

Veio, um dia, entretanto o tufão da Desgraça,
E o meu sonho se foi, aos poucos, desmaiando
Entre nuvens de poeira e espirais de fumaça.

E ao vê-lo assim desfeito à luz da realidade,
Vem-me a negra visão de quem visse chorando
O infeliz derrocar da própria mocidade.

Os leitores naturalmente conhecem as lendas escritas pelo escritor Malba Tahan e sabem o valor de tais lendas. Mas, agora, não é aquele ilustre contista que nos mostra os mistérios do Oriente. Não. É o Mileto Rizzo, este poeta predestinado, que num estilo excelente escreve uma lenda hindu em versos. Eis aí o que é uma lindíssima poesia:

TORMENTO DE RAMA

Dos Pandavas repousa a tribo inteira... Um lindo
Luar, feito de rendas e de prata,
Luariza as águas plácidas do Indo
E no espelho das águas se retrata...

Em sua tenda, o Emir, ora, medita, pensa,
No destino feliz de seu povo... Sublime
Na exportação da fé que o ilumina e redime
Em êxtase de crença.

De súbito, a seus pés, ele pressente
Que Rama, tristemente, se debruça.
Rama — orgulho da Raça — o guerreiro valente,
Cobre-lhe as mãos de beijos e soluça:

“Mestre... Trago de dor o coração repleto.
Punge-me um mal secreto
Que, jamais, me abandona, um momento sequer.
E eu que nunca fugi ao prélio encarniçado,
Senti-me, pouco a pouco, dominado
Pelo olhar de uma mulher.

Amo Astarté... Seus lábios de cereja
E a floração da carne, atijam-me desejos...
Sinto, ao vê-la, que o sangue meu lateja
Na loucura brutal de cobri-la de beijos.

Amo-a... Seu corpo frágil e sinuoso
E o colo onde palpita o seio quente,
Traz-me espasmos de gozo,
Põe-me ânsias de estreitá-lo eternamente.

Astarté... Minha vã felicidade...
— Santa de meu altar.
Não teve, para mim, um olhar de piedade,
Nunca me deu a esmola simples de um olhar.

Mestre... Sofro demais... Como esquecê-la
Se esquecê-la é mister?
Como acalmar essa neurose de querê-la
Se me domina, inteiramente, o olhar dessa mulher?!...

Dize, Mestre, o remédio, eu suplico com fé.
Que me faça esquecer da pálida Astarté.”

Na abstração que o traz extasiado
Como num sonho vago que o detém,
O Emir divisa o vulto amado
De Kalem.

Kalem... há meio século perdida,
E com ela se foi a sua própria vida...
Sangra lhe o coração de acerba mágoa,
Ficam-lhe os olhos rasos de água.
E gota a gota a lágrima sentida
Desliza em sua face envelhecida,

Rama, meu filho, vai... Vai, meu infeliz Rama...
Nunca se extingue o amor pela mulher que se ama.
Podes fugir à sedução de ouvi-la e vê-la
Mas não conseguirás, nunca mais, esquecê-la.
Busca no isolamento a paz de ter convívio,
Chora... Certo, no pranto encontrarás alívio.

Vai, meu filho infeliz... Pratica sempre o Bem
E sê crente e tem fé...
Debalde, eu procurei esquecer de Kalem
E buscarás, debalde, esquecer de Astarté.

Rama, meu filho, vai... Vai, meu infeliz Rama...
Nunca se extingue o amor pela mulher que se ama.
Rama, meu filho, vai... Sê resignado e forte,
E o remédio, talvez, encontrarás na morte...

Mileto Rizzo é um poeta otimista Não se deixa levar pelas extravagantes palavras de um Albino Forjaz Sampaio. Não. Educado na escola de Marden o indivíduo não encontra dificuldades. Ela é a escola dos que triunfam; dos que se sentem com energias suficientes para quebrar os grilhões da luta pelo viver. Precisamos ser otimistas e ensinarmos aos outros os sábios conselhos que recebemos da tonificadora doutrina concitada pelo espírito de Marden.

“Elegia do Bem” é uma poesia que o Mileto Rizzo escreveu com o coração e com o cérebro:

ELEGIA DO BEM

Sê Bom que o Bem te eleva e te engrandece,
E abre teu coração para a Bondade...
E aquele que te fere e te escarnece,
Traz sempre, à flor dos lábios, tua prece,
E um cândido sorriso de piedade...

Acolhe com teu manto de carinho,
A dor alheia e a infelicidade.
E os seixos que encontrares no caminho,
Transforma em roseiral, transmuda em ninho,
A magia da tua caridade...

Seja teu breviário, o Bem, somente,
Muito embora, te sangre o coração.
E vivas, para o Bem, unicamente,
Em cada fruto vendo uma semente,
E na semente, a tua redenção...

Sê Bom que o Bem te eleva e te engrandece,
E abre, para a Bondade, o coração...
E àquele que te fere e te escarnece,
Traz sempre, à flor dos lábios, tua prece,
E a alma sempre florindo de perdão...

Mileto Rizzo é um médico que merece a estima de todos os muquienses. É um nome de projeção social.

Esperamos que ele continue a produzir.

A sua idolatrada esposa poderia, bem o sabemos, influir na sua volta ao mundo intelectual. E apelamos para ela. Mesmo sem farras o Mileto Rizzo pode produzir bons versos. Não é preciso que ela se incomode. Ele não mais frequentará as farras.

Do mesmo autor: “A Ceia dos Bambas” (Paródia da Ceia dos Cardeais) - Crítica Política; “Magnus Dolor” e “Evocação”, sonetos; “Canção da saudade”, poesia.

(Mileto Rizzo nasceu em Muqui, em 16/07/1999. Formou-se em Medicina no RJ, em 1924. Foi Prefeito de Muqui e deputado estadual em dois mandatos. Morreu em 27/06/1961.)

Sebastião Tãmara

Sebastião Tãmara é um jovem poeta que reside neste recanto brasileiro. Espírito genuinamente crítico e humorista. Nada há neste mundo de que ele não saiba um pouquinho. É interessante vê-lo discutindo com o Belisário Lima. Nunca estão de acordo. Discutem sempre. Ambos são admiradores reverentes do Estado de S. Paulo. Aliás têm razão. S. Paulo é um cérebro que pensa. É um corpo que vive. Ha indivíduos que possuem o cérebro mas são incapazes de raciocinar, de produzir, de viver, de evoluir...

É o que sucede com muitos dos nossos Estados. Não pensam, não produzem, não vivem, não evoluem...

Se eu não fosse afeito às concepções históricas já leria cortado de há muito as relações amistosas com o poeta a que me refiro. O que me vale é sabê-lo inteligente e compreensível. Embora o Lopes não concorde. O que eu não tenho nada com o peixe, na expressão exata do poeta Walter Macedo. Discutir com um indivíduo que sabe algo, nada se perde; aprende-se algo. É o que se dá comigo. Há vezes em que discordo dele e “vice-versa”. O que é susceptível a todo aquele que procura analisar os fatos com lógica. E assim, pouco a pouco, os nossos espíritos se comunicam e na unificação dos nossos pensamentos pensamos pelo mesmo prisma.

Casemiro de Abreu cantou a sua terra e agora é o Sebastião Tamara que aparece com vontade de cantar a sua. Vejamos o seu:

CANTO DA MINHA TERRA

Terra fértil de amor, abençoada!
Berço feito de encanto e de harmonia...
Eu te contemplo, ó minha terra amada,
Do silêncio da minha nostalgia...

E exilado de ti, na soledade,
 Não te esqueço e, com todo sentimento.
 Pela voz comovida da saudade,
 Pelo som sutilíssimo do vento,
 De tua passarada áurea e canora
 Ouço o canto vibrátil e marcial —
 — Que é um pedaço da música sonora
 De toda sinfonia universal!

Terra fértil de amor abençoada!
 Berço feito de encanto e de harmonia...

Há na tua Natura — que desvenda
 Todo o encanto de Febo e Zenith —
 A imponente e simbólica legenda
 Da epopeia do antigo Guarani!
 E o Muriaé soberbo e solitário
 Que, ao som das cornamusas dos pastores,
 Vai cantando num canto extraordinário,
 Do teu solo fecundo esplendores...

Terra fértil de amor, abençoada!
 Berço feito de encanto e de harmonia...

És — por tudo que a tua gleba encerra —
 Um resquício impoluto do Universo,
 Enquanto eu te consagro, ó minha terra,
 Na cadência tristonha do meu verso! ...

Sebastião Tãmara tem diversos sonetos e poesias nas gavetas do seu escritório. As produções arquivadas não são lidas. E o povo brasileiro necessita da leitura dos seus versos.

(Sebastião Tãmara era natural do sul do Espírito Santo, poeta, sem deixar livro publicado. A rodovia que liga Muqui a Mimoso do Sul tem o seu nome).

Newton Braga

Na vida do homem há sempre uma partícula onde vive a mulher. E o amor é um sentimento oculto que gosta imensamente de perseguir os poetas. É o assunto preferido pelos bardos.

Newton Braga apegou-se a um “Velho retrato” que ficou colocado na parede, onde uma teia de aranha o envolveu num abraço fraternal, livrando-o das mãos inquietas, e deixou-se ficar embevecido na contemplação de uma criatura que ele deseja esquecer, mas não pode... O seu poema assim nos declara:

VELHO RETRATO

Há no meu quarto um retrato de mulher.
Já foi tudo, para mim, essa mulher.
Foi ela quem me deu as maiores alegrias
e as dores mais profundas de minha vida.

Ela é que me fez poeta
e nas noites de insônia
-longas noites sem fim, de inquietude e incerteza!
Sua lembrança é que moveu meus dedos sobre o papel.

Mas ai! foi ela, também,
Que deixou, na minha alma, esse gosto amargo de saudade,
e essa descrença em todos os pensamentos bons
e em todas as intenções puras.

E hoje, ao reparar o seu retrato, na parede,
noto que uma aranha o envolveu quase
todo em sua teia.

— Sim, minha amiga, aranha amiga,
... é preciso esquecê-la...
,... é preciso esquecê-la...

Newton Braga é modernista. Mas tem talento. Não posso negar. Merece, portanto, a minha admiração. Transcrevo o seu melhor poema:

ALGUÉM QUE...

Eu sei que há alguém que me quer muito.
 Alguém que passou despercebida, ante os meus olhos.
 Que pede por mim nas súplicas noturnas
 como se rezasse por um irmão mais moço.
 Alguém que se comove ao ler meus poemas tristes,
 e que chora, por não ser a mulher por quem eu choro.

Alguém que coleciona os meus poemas,
 e que os recita a si mesma, para ter a impressão
 de que eu estou lhe dizendo palavras ternas ao ouvido.

Alguém que nunca hei de encontrar na minha vida,
 porque ela nunca se revelará.

Alguém que sabe o nome de todas as mulheres
 que passaram por mim, ficando em mim um pouco.

Alguém para quem este poema
 há de ser uma bênção suavíssima
 sobre a sua angústia resignada e dolorosa...

Newton Braga é o único poeta modernista do Espírito Santo. Porque os outros nem sequer merecem o nome de poeta. É o advogado mais moço do Estado. Possui um invejável talento. Colabora nos principais jornais e revistas do país e é redator-chefe do “Correio do Sul”, de Cachoeiro de Itapemirim.

Os continuadores da obra de Graça Aranha abandonaram o futurismo e deixaram o poeta de Cachoeiro olhando para o “Pico do Itabira”.

(Newton Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, em 11/08/1911. Formou-se em Direito em BH, em 1932 e participou do modernismo mineiro em “Leite Crioulo”. Voltando para Cachoeiro, tornou-se o principal poeta modernista capixaba. Fundou a Festa de Cachoeiro, em 1939. Fundou jornais e revistas em sua cidade. Foi tabelião e professor. Publicou: “Lirismo perdido”, 1945, “Histórias de Cachoeiro”, 1946, “Cidade do Interior”. Faleceu em 1962. Rubem Braga, seu irmão, publicou sua “Poesia e Prosa”, em 1963, obra reeditada pela Ufes/DEC, em 1993).

Augusto Lins

Augusto Lins é um poeta que dignifica a arte nas suas diversas modulações. Habilmente sabe compor um verso. Versos bons. Ótimos. Esplêndidos. Possui um estilo seu e não se deixa levar pelos cultores que gostam de enfeitar a poesia com frivolidades e esquisitices. Não. Procura sempre um tema que ofereça um pouco de alegria aos leitores.

Não me consta que haja alguém no mundo que não tenha saudade de alguém. Há sempre na nossa imaginação um objeto ou uma determinada causa ou pessoa que imaginamos e sentimos saudades. Saudade de alguém que se foi... saudade de um amor que se acabou... saudade de um desejo almejado e não realizado.

Não há quem saiba definir ao certo a saudade. As opiniões são adversas e nunca se comunicam com realidade e convicção. Dou a palavra ao poeta Augusto Lins:

SAUDADE...

Saudade...

Que vem a ser?

É um apego. Uma ansiedade.

Do que se teve ou se quis ter.

Diz-se um lampejo da espiritualidade

No cadáver do egoísmo e do prazer.

Lembra um crepúsculo a saudade.

Ha um ângelus iluminando o céu com o misticismo de suas preces.

Saudade de querer. De poder. De fazer.
Tu, nas minhas vigílias apareces,
Oh saudade, oh saudade
E dignificas e engrandeces
O que eu não fui, querendo ser.

Saudade...
Não a conheço e sinto-a bem.
Os corações desiludidos interrogam
Onde possa caber a saudade que têm.
Do que possuíram ? Do que foram ?
Não. Não dizem de que, nem por que, nem de quem.

Saudade trágica. Saudade.
A alma alanceias, a chorar.
Seja infeliz ou venturosa,
Uma tortura há de habitar
O labirinto da alma humana
Que é, da saudade, o lar.

Já me referi por diversas vezes à encantadora cidade de Castelo. Mas, eis que vem em meu auxílio uma voz mais autorizada do que o autor deste livro, para dizer ao povo brasileiro das belezas existentes naquela hospitaleira e culta cidade. Trata-se do poeta Augusto Lins. É um nome que vive aureolado pelo perfume inebriante dos pensamentos elevados. Ele foi de uma grande felicidade ao compor este brilhante poema, onde se vê o espírito analítico do autor, descrevendo minuciosamente todas as partículas que fazem parte do fator progresso do município de Castelo. Mais uma vez dou a palavra ao ilustrado poeta:

POMPAS DA NATUREZA

Castelo. Na melhor das terras brasileiras.
Lá fora o tédio cai, pesadamente farto.
Descem pacientes bois as íngremes ladeiras
E a luz a pouco e pouco entra-me pelo quarto.
Os galos, na altivez dos sobranceiros gestos,
Que liberdades amplas preconizam,

Erguem-se, entesam-se, olham d'alto e avisam
Que a noite vai nos derradeiros restos.

E logo a passarada,
D'alma primaveril, constantemente nova,
Acorda, em pleno céu, para a primeira trova
Da madrugada.

Andam cães a ladrar no topo das colinas,
Levantando do pouso os veados corredores.
Preparam-se na espera a viola e as carabinas.
Bebem do Moscatel poetas e caçadores.

O ativo lavrador, alheio a alegres ócios,
Acaba de chegar das exaustivas viagens
E entra na agitação dos múltiplos negócios,
Na venda do café, na compra das ferragens.

No impecável fulgor das tintas refulgentes,
Transpondo a imensidade e despertando a vida,
Sobe o sol, o genial artista das sementes,
Na paisagem sem fim da natureza aluída.

Das águas na escassez, as plantas famulentas
Entram no solo fundo, em pavorosas anciãs,
Agitando no espaço as folhas pardacentas,
Para as evocações das chuvas das distancias.

Se aqui não banha o sol esplêndidos palmares,
Formosura de caule e opulência de franjas,
Banha em compensação arvores seculares
E o ouro fosco que vem nas ultimas laranjas.

Mas não!! Este poema é interminável.
Cante-o a pena dos vates superiores.
Receba a natureza os meus louvores.
Pela sua grandeza incomparável.

Augusto Lins fez a composição deste poema em 15 de Março de 1925. É atualmente um dos mais destacados vultos da advocacia capixaba. Possui alguns livros publicados, destacando-se uma preciosa obra sobre o valor da jurisprudência.

Do mesmo autor: “Aspiração”, “Mulher”, “Ante o esplendor e a serenidade de uma lembrança”, “A Sinfonia da vida no alvoroço de uma saudade” e “Última carta”.

(Augusto Emílio E. Lins nasceu em Recife, PE, em 13/05/1892. Formou-se em Direito no RJ, em 1915 e veio para o Espírito Santo. Foi Prefeito de Cachoeiro e Deputado estadual. Pertenceu à AEL, cadeira 13. Publicou: “A paixão coletiva”, 1923; “Zorobabel”, poemas, 1921 e 1957; “Pranto e canto de amor filial”, 1955, “Variações estéticas do Canaã”, 1968, dentre outros. Morreu em Vitória, em 30/12/1982.)

Alberto de Oliveira

Alberto de Oliveira é um novo poeta que surgiu aqui na terra de Domingos Martins. Os leitores não pensem que eu esteja a tratar do maior poeta brasileiro, na opinião dos nossos letrados. Não. É outro. Um principiante. Um estudante. É pena, franqueza, este modesto estudante ter nascido poeta. O destino do poeta é tão triste... que a gente nem gosta de falar. Franqueza que não. Para não termos aborrecimentos. São tantos os exemplos que nem vale a pena citar. O que foi que sucedeu com Augusto dos Anjos? E com o Hermes Fontes?

Alberto de Oliveira é muito tímido e, por esse motivo, ainda um vate pouco conhecido. Quase não publica o que produz e com poesias arquivadas nas gavetas ninguém chegará a ser poeta num país onde há tantos cabotinos.

O poeta tímido não vence. É preciso ter coragem e pôr o cérebro em ação. O cérebro é a metralhadora dos intelectuais. Não vê que estou metralhando? Vejamos o seu soneto:

NATAL DOS POBRES

Irmã!... que belo sonho eu tive, hoje, à noitinha!...
Sonhei que Pai Noel, brinquedos, nos trazia
por sob o seu gibão. Oh!... que doce alegria!...
E, sempre, a nos sorrir, na humilde esteirazinha,

em que nós dois, irmã, dormíamos, ele ia
depondo-os sem contar: — era bola, barquinha,
bicicleta, pião, corneta, bonequinha
e botinas pra nós!... Como eu, feliz, sorria!...

Doces e tudo enfim, p'ra nós, também trazia!...
Ao se ir Pai Noel, acordo... oh! que tristeza!...
Vi que tudo era um sonho e o sonho, com certeza.

não passa, minha irmã, de mera fantasia:
E a desditosa mãe lhes disse, soluçando:
— Os pobres, como nós, só gozam é sonhando!...

Frederico Codeceira

Frederico Codeceira é magistrado, jornalista, escritor, orador e poeta. E o que é interessante é que em todas as suas atividades apresentasse-nos como um verdadeiro conhecedor. Francamente, não sei como admirá-lo: se na retidão com que costuma colocar-se como magistrado; se na polêmica ardorosa dos seus veementes artigos; se na imaginação de que é possuído como escritor teatral; se na facilidade de transmitir aos outros pela oração aquilo que ele sabe, ou se na revelação que se nos apresenta como um poeta de grande imaginação e de um estilo todo seu.

Depois de tudo isto eu preciso avisar os leitores de que não há nada neste mundo que seja perfeito. Sabem por quê? Não desconfiam? O Codeceira é o homem mais feio do Estado do Espírito Santo. Muito mais feio do que o Feu Rosa, Carlos Sá e o Darcy Mattos.

Dizem até que ele não ficou satisfeito quando se realizou o concurso promovido pela revista “Vida Capixaba” para ser eleito o homem mais feio do Estado do Espírito Santo e ofertaram o prêmio de um canivete “Solinger” ao Darcy Mattos, eleito o “Príncipe da feiura”. Na sua própria opinião ele devia ter ganhado o prêmio. Calculem o quanto ele é bonito!... Os leitores sabem a altura do Codeceira? Um metro e cinquenta centímetros. E o peso? 45 quilos. Fisicamente, o Gandhi nacional.

Mas, em geral, os homens feios têm uns corações magnânimos. Um defeito físico desaparece quando o indivíduo possui a nobreza de um caráter ilibado.

Codeceira é um homem que vive e pensa para a família. É um exemplo de pai e de esposo. O seu único objetivo é trazer para o seu lar a alegria e a felicidade. Nada mais almeja. E tem razão. Porque só no lar existe a felicidade. Debalde será procurá-la fora do lar. Ela — felicidade — reside na comunhão espiritual entre esposos e filhos.

Apreciemos uma homenagem do Codeceira ao seu adorado lar:

CICLO FELIZ

Uma única ventura me enaltece,
no meio destas grandes emoções:
de minhas filhas a noturna prece
— o aroma de três rosas em botões.

A mais velha, a que as ânsias me arrefece,
nas suas cativantes orações,
lamenta que o Destino não me desse
ouro, palácios, moedas aos milhões.

As outras duas pedem tão somente
que eu seja sempre bom, sempre prudente
sempre amigo da esposa que me atrai.

E eu, assistindo toda essa homenagem,
louvo a Deus que me deu força e coragem
e esta felicidade de ser Pai!

Não há muito o poeta de “Ciclo Feliz” perdeu uma das suas diletas filhas. E com a morte de Mary ele sofreu demasiadamente a sua perda. A sua dor de pai e o seu pensamento voltado à morte da filha deixou-o abatidíssimo. Assim o vemos em “Alma em delírio”. O seu soneto é tido como um dos melhores de sua lavra:

ALMA EM DELÍRIO

Não me conformo!... Não. — A dor é rude,
é imensa... é grande... é dor de Pai ferido!...
— Quando puseram Mary no ataúde,
pela primeira vez me vi vencido.

Braços cruzados, trêmulo, não pude
nem sequer oscular o Anjo-querido
e nessa angustiosíssima atitude,
fiquei, horas a fio, combalido!

Se não fosse a família!... se não fosse
a Fé, que nos anima meiga e doce,
esta Fé, salutar que Deus nos deu,

não resistia golpe tão profundo,
pois a coisa mais triste deste mundo
é a saudade da filha que morreu!

Do mesmo autor:

“Banho de Garça”, “O Jangadeiro”, “A tarde”, “Mary”, “Cisne” e “Aeroplano”.

Walter de Biase

Walter De Biase é poeta. É daqueles que já nasceram para compor versos. O que é raro neste país em que todo o mundo se intitula de poeta. Infelizmente o aludido vate é adepto do modernismo. Eu não posso admitir que um moço culto como o Walter De Biase seja modernista. O verso futurista revela falta de capacidade de quem o produz. O verso metrificado e rimado é o que se chama a concatenação do que se pensa e do que se escreve.

Walter De Biase e Newton Braga são dois poetas que merecem a admiração dos nossos colecionadores. Mas, se eles não fossem modernistas e preferissem os decassílabos e alexandrinos aos seus poemas futuristas, estamos certos de que os seus valores seriam duplicados. Ambos são inteligentes e têm imaginação. Se o Newton Braga produzisse versos metrificados seria a coqueluche dos capixabas. Porque ele tem valor.

Perguntem ao poeta Teixeira Leite o que ele pensa a respeito dos poemas futuristas que ele imediatamente responderá: — O futurismo é a escola dos mediócrs.

Ser poeta é uma coisa tão sublime que não há felicidade maior. Daquele que verdadeiramente o é. Dizem que todo aquele que faz um verso é poeta. Ainda que o verso não seja bom. Concordo, em parte. Mas há poetas e escrevinhadores de versos, que, na opinião abalizada do poeta Ruy Cortes, são fabricantes de tijolos.

Todo o dia aparece neste nosso Brasil grandioso uma efígie com um nome de uma santa.

E o mais interessante é que todas as santas que aparecem no Brasil fazem milagres. Um dia passado escolheram Nossa Senhora da Penha, a padroeira e protetora dos homens que escrevem para os outros. Falta agora o São Herbert Moses. Se o Herbert um dia desaparecer deste mundo para o outro eu farei um pedido à Nossa Senhora da Penha para nomeá-lo São Herbert Moses. Porque ele tem sido o nosso grande benfeitor; o amigo inseparável do jornalista.

O Walter De Biase conseguiu descobrir uma santa que vai fazer milagre para os meus leitores. Se é que os tenho. Prestem bem atenção nesta:

ORAÇÃO

Nossa Senhora da Consolação,
Fazei que eu pense sempre direitinho,
E, que nesta minha oração,
Exista só bondade e só carinho!

Também, que eu seja um homem de valor
Honesto, meigo e forte...
E que eu saiba sorrir tanto na dor
E tanto no prazer como na morte!

Mas eu vos peço mais, Nossa Senhora,
Fazei-me sempre amá-la
Com tanto amor que na minha alma mora,
Sem que eu possa olvidá-la.

Eu gosto tanto dela...
Oh! Dai-me mais amor
Que eu quero dar-lhe o coração!
Fazei-me bom... que eu possa merecê-la,
Nossa Senhora da Consolação.

Os leitores tomaram nota? Nossa Senhora da Consolação! A santa que terá piedade de livrá-los de um outro livro tão enfadonho.

Todas as poesias do Walter De Biase que sejam metrificadas são dignas de apreciação. Não são muitas porque é um poeta que tem produzido pouco. Preocupado com os seus estudos na Universidade do Rio de Janeiro o bardo capixaba vive alheio ao desenvolvimento intelectual em o nosso Estado.

Sylvio Rangel

Sylvio Rangel é um vate que vive mergulhado na cidade de Castelo, neste Estado. E além de poeta é escritor. Em breves dias publicará um livro sobre o município onde mora. Será uma obra que virá trazer ao Estado do Espírito Santo uma fonte de conhecimentos com relação ao desenvolvimento daquele município.

Sylvio Rangel, inegavelmente, é um grande psicólogo. Ninguém melhor do que ele poderia focalizar o que tem sido o município de Castelo desde a sua fundação. Posso dizer com certeza absoluta que Castelo é a segunda cidade do Estado onde a população se interessa pelo desenvolvimento intelectual da sua gente, vindo em primeiro lugar a cidade de Cachoeiro de Itapemirim.

Sylvio Rangel é um grande amigo do Estado. Dizem os sabidos que o meio faz o indivíduo. Eu já penso por um prisma diferente dos sabidões. Na minha opinião os indivíduos são os que fazem o meio. Pois bem, leitores, Castelo é uma cidade onde residem diversos nomes ilustres no cenário intelectual deste Estado. É um centro de irradiação espiritual. É uma cidade que, embora pequenina, sabe apreciar o que é bom e reprimir o que é mau.

Foi naquela cidade que o Cyro Vieira da Cunha se fez e foi ali que o poeta Sylvio Rangel arranhou uma criatura que serviu de inspiração para a composição de tão precioso soneto:

FALSA APARÊNCIA

Perante a maliciosa sociedade
 Que os nossos feitos sem cessar explora,
 Ela me trata com formalidade.
 Dando às palestras rápida demora.

Há nos seus olhos essa ingenuidade
De quem na cela de um convento mora,
Sem ter o riso da felicidade
Que o amor espalha pelo mundo em fora.

Não gosta de sorrir quando me fala...
Para mim seus olhares são escassos,
Se as visitas agrupam-se na sala.

Por isso, às vezes, tenho medo que
Alguém a veja um dia nos meus braços
Tratar-me, entre carícias, por você.

Apreciemos agora este outro soneto não menos notável do que o outro. Há a delicadeza de sentimento e de expressão.

ENIGMA

Eu também sei fingir, eu também sei no rosto
Dissimular a dor que o peito me crucia...
Satisfeito trilhar a senda do desgosto,
Escondendo o sofrer com risos de alegria.

Chorar! Chorar, por quê? mesmo contra meu gosto,
Eu prefiro ocultar o mal que me atrofia.
Todos fazem assim. No entanto, o riso exposto
Na boca, que traduz? Prazer ou hipocrisia?

Pela fisionomia, eu sei que ninguém nota
Quando a graça do olhar aos poucos se desbota,
E em contorções no peito um coração estala!

Dizem, que para mim a terra é um paraíso...
Mentira! Ninguém sabe, ó Deus, que o meu sorriso
É o lamento da dor que o peito me apunhala!

(Sylvio Rangel nasceu em Castelo, em 04/07/1890. Farmacêutico, musicista e jornalista. Morreu em 27/10/1938. Patrono da cadeira 10 da Academia Cachoeirense de Letras, foi estudado por Nordestino Filho em "Sylvio Rangel e sua poesia", 1966).

Christiano Fraga

Christiano Fraga não é um poeta que se aponte como um Hermes Fontes ou um Olavo Bilac. É apenas um cultor das musas. Há, todavia, nas suas composições poéticas, muito lirismo e bastante imaginação. Incluo o seu nome entre os nossos poetas de merecimentos porque efetivamente ele é possuidor de um mérito invejável. Vate de muita sensibilidade, lírico, apaixonado e demasiadamente sentimental.

O seu estilo é influenciado pela elegância de Vicente de Carvalho, o maior poeta paulista entre os antigos. Deixou em mim uma profunda impressão a poesia que o vate capixaba escreveu a propósito da nossa querida bandeira, símbolo de amor e abnegação. Vejamos o entusiasmo de que é possuidor o ilustre poeta ao se referir ao pedaço verde da nossa Pátria:

BANDEIRA BRASILEIRA

Dos dezoito de Copacabana
Proclamando o heroísmo e vereis.
De bandeira maior quem se ufana,
Com Caxias, Osório e Juarez!

Na bonança de paz, se ela ondeia,
Desfraldada em fulgor senhoril,
Revigora esta imensa colmeia
Laboriosa por todo o Brasil.

Brasileiros, cerremos fileiras
Ao redor do sagrado pendão!
Que entre todas as grandes bandeiras
Se distinga a da nossa Nação.

(Christiano Ferreira Fraga nasceu em Campos, RJ, em 07/08/1892. Formou-se em Medicina no RJ. Faleceu em Vitória, em 06/01/1984. Pertenceu à cadeira 21 da AEL. Publicou: "Com a palavra", 1972, "Lembrança", 1978).

Odilon Luna

O poeta português Antonio Patrício certa vez começou a rir sem saber por que ria. Ficou pensando em si mesmo e disse: “De que me rio eu? Eu rio horas inteiras, só para me esquecer, para me não sentir”.

Diante das frases de Patrício, agindo na inconsciência do que fazia, fiquei pensando no poeta Odilon Luna, que, certamente esquecendo o que disse o vate lusitano, agiu na mesmíssima inconsciência.

Diz o poeta Luna:

*Deus que me deu o amor, para que m'ò roubou?!
Por que me fez cantar, e a dor me faz carpir?
Ah! Deus não teve noiva, e à mulher nunca amou!*

São inúmeras as citações que poderiam ser fornecidas aos leitores a respeito do “Ego” inconsciente dos bardos que vivem pensando sem saber no que pensam. Odilon Luna incontestavelmente merece a distinção dos nossos prezados leitores. Há muita inspiração nos seus versos que são escritos com muita naturalidade. É sempre elevada a sua imaginação e o seu estilo agrada pela singeleza.

Fugindo ao estilo e ao sentimentalismo dos nossos pseudopoetas, Odilon Luna se nos apresenta como um idealista, numa linguagem profundamente sincera, descrevendo com muita habilidade alguns episódios históricos do nosso país e exaltando os personagens desses acontecimentos. Vejamos com entusiasmo e satisfação o que ele escreveu sobre o:

BRASIL

Das Pátrias, és Brasil, a Pátria amada.
Amo a formosa e salutar grandeza
— O teu céu branco e azul — visão sagrada —
Que te deu a suprema natureza.

Amo a mudez das tuas folhas mortas
 Que servem de tapete ao matagal;
 As praias onde brincam as gaivotas
 E o canto do *coucris* no coqueiral.

Amo a floresta, as frondes das palmeiras
 Onde canta a araponga descuidosa;
 O vergel de viçosas trepadeiras-
 Que oculta o beija-flor beijando a rosa.

Amo a mansão das selvas colossais
 Onde o beijo do sol não faz luar;
 A coberta de flores dos rosais
 Que a lua carinhosa vem beijar.

Amo o teu mar, de quérulas procelas.
 Que dia e noite vive soluçando.
 A namorar os olhos das estrelas
 Como louco o infinito praguejando.

Amo o sol causticante tropical
 Das regiões do Norte calcinado;
 O Rouxinol que canta no beiral
 E a via láctea do azul constelado.

Amo-te, e, na penumbra da saudade,
 Os que souberam ser uma potência,
 Que se imolaram pela liberdade
 Fazendo a tua nova independência.

No mar da iniquidade, naufragando,
 Brasil, tua grandeza sucumbia,

João Pessoa, seu sangue derramando,
 Te ergueu do lamaçal que te sorvia.
 Glórias ao grande mártir brasileiro,
 Filho do Norte que o sertão gerou,
 Erguendo a fama do Brasil guerreiro,
 A nova independência proclamou.

Brasil de João Pessoa e Tiradentes;
Brasil floral, de ipês e de junquinhos;
Brasil de luz dourada dos poentes;
Brasil de verdes mares, belas fontes;
Venero o bravo sangue dos teus filhos
E a grandeza selvagem dos teus montes.

“Brasil” é uma poesia onde o autor procurou entusiasticamente salientar o seu patriotismo, a sua alma intrépida de nordestino, a sua cor bronzada pelo sol causticante dos trópicos e a sua veneração pelos feitos heroicos dos nossos heróis desaparecidos. Odilon Luna não poderia fugir à influência do meio estudantil. Todo estudante tem a sua predileção por assuntos amorosos. E, para não haver divergências entre os colegas, aqui o vemos com um soneto de tonalidades fortes, fazendo corar as faces róseas de São Francisco de Assis e do nosso ilustre companheiro de farra que foi canonizado por Santo Antônio. Ei-lo sonhando com a “camisa decotada” da pequena e com a pequenez dos seus “seios cor de rosa”:

SONHO DE AMOR

Ela sonhava e pudica, nervosa,
Despertou bruscamente perturbada...
No colo a cabeleira perfumada
Caiu-lhe em desalinho cetinosa.

Inclina-se, perscruta, mui nervosa
Afastando a cortina esbranquiçada,
Da alvíssima camisa decotada
Debruçam-se lhe os seios cor de rosa.

Assusta-se corando de pudor.
E receosa que alguém os veja em cheio,
Com a trança desgrenhada cobre o seio.

Pensa, vacila, trêmula de amor.
Vê que é mentira o sonho que a assaltara
E o Príncipe que a boca lhe beijara.

Odilon Luna é membro da Academia Livre de Letras de Niterói. Espírito independente e combativo. É um, dos grandes batalhadores pelo nacionalismo brasileiro. Atualmente está cursando o 3º ano da Faculdade de Direito do Estado do Espírito Santo.

Azevedo Rolim

Azevedo Rolim é filho deste Estado e nasceu em Rio Preto das Torres, município de João Pessoa (Mimoso do Sul), a terra onde ele vivia ao sopro gemente das selváticas nortadas, embalado pelo hino selvagem da meiga passarada. Disse-me o querido vate: “Eu creio vislumbrar uma exuberante paisagem da selva capixaba, ou a graça, o sorriso ENCAN-TADOR das filhas da terra de Domingos Martins!”

Como se vê é um filho que se esforça pela difusão do que o Espírito Santo possui de apresentável. Talvez nenhum Estado do Brasil tenha paisagens tão encantadoras como as possuímos aqui. Quem não conhece o “Pico da Bandeira” na sua altitude de 2.886 metros e 8 decímetros, quase beijando as estrelas que bailam lá no infinito? Qual o brasileiro que não conhece tradicionalmente o “Pico do Itabira” e “O Frade e a Freira” que se acham à vista na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, Cidade-Cérebro, na opinião dos nossos grandes homens? Qual o brasileiro que não tem vontade de conhecer as “Torres” e as “Serras das Garruchas” que se acham no município de João Pessoa, neste Estado, “unidas pelas mãos do Onipotente”, na expressão real de Azevedo Rolim? Qual o brasileiro que não tenciona conhecer as montanhas que existem no município de Santa Teresa? Qual o brasileiro que não almeja conhecer o “Cruzeiro Luminoso” que existe lá na florescente cidade de Siqueira Campos (Guaçuí)? Qual o brasileiro que se recusará a apreciar o cenário deslumbrante que se nos apresenta no alto do tradicional “Convento da Penha”, em Villa Velha, subúrbio de Vitória, onde se vê o deslumbramento das nossas pitorescas paisagens? Qual o brasileiro que não tem prazer em conhecer a “Pedra do Ovo”, existente na entrada da barra de Vitória? Naturalmente que todos almejam por conhecer e conhecem algo das belezas naturais que existem nesta “Joia de Ouro”, onde veio à luz da vida a intrépida vanguardeira capixaba Maria Ortiz.

Azevedo Rolim é um filho que honra a terra que o viu nascer. Merece, portanto, a nossa admiração de irmão em Apolo.

Pondo à margem os sonetos amorosos de Azevedo Rolim, destaco estes dois escritos com a simplicidade que o caracteriza:

TORRES

Unidas pelas mãos do Onipotente,
Da mesma terra para os céus voltadas,
Vivem beijando a vastidão dormente,
E pela luz do sol sendo beijadas!

Em claras noites de luar albente
Serenas no horizonte repousadas,
Massas disformes enfrentando o poente,
Ei-las haurindo o sopro das nortadas...

Das tempestades nas tremendas lidas,
Ou na bonança das manhãs fagueiras,
São sempre as mesmas para os céus erguidas...

E na ânsia louca de subir, crescer,
São — mães de arroios e de cachoeiras,
Guardiãs da terra que me viu nascer!...

RIO PRETO DAS TORRES

Filho das Flores — cordilheira altiva
Que além se cobre de encinzadas brumas
Desce, qual serpe pelo chão cativa,
Roçando os campos com seu véu de espuma

De Municípios fraternal missiva,
Das alvas garças estendas de plumas,
Leva nas águas a expressão lasciva
Do primoroso canto das inhumas !...

Humilde, pequenino, abandonado,
O Rio Preto, no entretanto, é certo,
Também retrata o nosso céu azul:

E dá por vista um campo esverdeado,
Um traço negro, num seguir incerto,
Vindo do norte a demandar o sul!...

(Lauro de Azevedo Rolim morou em Niterói e em Rio Bonito, mas nasceu mesmo foi na pequena Mimoso do Sul, no Espírito Santo, em 15/05/1898, filho de Antônio Rolim e de Maria Izabel Nunes de Azevedo. Foi presidente da Associação Brasileira de Escritores em Niterói. Deixou "Pelos Caminhos do Brasil" e mais alguns livros publicados. Seu filho, Gilson Rangel Rolim, também da Academia Niteroiense de Letras, também incursiona pelo terreno da Trova. Lauro faleceu em Rio Bonito-RJ, em 05/02/1974).

Abílio C. de Carvalho

Quando eu conheci em Vitória o poeta Abílio C. de Carvalho, fiquei pensando comigo mesmo: será que uma criança como esta possa compor um verso metrificado? E imediatamente tive a solução. O aludido vate sentado em uma das cadeiras do Café Central improvisou um soneto que, francamente, me deixou descontrolado. Não havia mais dúvida. Era efetivamente um poeta. Porque eu só considero poeta, aquele que já nasce para a poesia. Os que fazem a composição de um verso como se estivesse fazendo uma palestra com um amigo. Só assim poderemos impor o qualificativo de poeta.

Como ginasião o Abílio sempre se mostrou um esforçado. Filho de pais pobres, sempre trabalhou para conseguir vencer pelo brio da sua capacidade produtora. E vem vencendo as etapas que se lhes apresentavam como subterfúgios em sua vida estudantil.

Abílio C. de Carvalho é um espírito agitado, sem calma mesmo. O mundo para ele parece uma nuvem peregrina que ao primeiro sopro de uma nortada desaparece para não mais voltar. E, por isso, sempre o vemos agitado, trabalhando, estudando, pensando, discutindo, escrevendo, improvisando...

Abílio de Carvalho é uma revelação na poesia. Na sua tenra idade jamais vi espírito tão iluminado. 17 anos apenas e já é um poeta de fina sensibilidade e de uma imaginação impressionista. Se continuar a escrever não tardará o dia em que havemos de vê-lo no ápice da ascensão intelectual. O Espírito Santo muito espera da inteligência de tão elevado filho.

Dizem os nossos bardos contemporâneos que o poeta Augusto dos Anjos gostava de uma rapariga tuberculosa e que todos os versos escritos por ele eram dedicados àquela criatura enferma.

Dar-se-á o mesmo com o bardo Abílio C. de Carvalho? Será que ele ama alguma pessoa atacada de tão lastimável doença? É o que não sabemos ao certo. O seu soneto “Tu”, antes de “Tu”, era “Tuberculosa”. Por que tal mudança? Para não ofender a susceptibilidade da pequena?

É o que estamos a prever. Quando se ama de verdade, meu caro, não se olha e muito menos se oculta o sacrifício que se deve fazer pela pessoa a quem se ama de verdade.

O soneto “Tu” não tem sentido figurado, portanto, deixa de ser hiperbólico para ser real. Transcrevo com muito prazer a melhor produção da lavra de Abílio de Carvalho:

TU

Amo-te muito assim, pálida e esguia,
— Com palidez tão sacrossanta e pura!
Hei de beijar teu lábio onde perdura,
Aquela cor clorótica e doentia!

Tu, serás para mim a eterna guia!
E hei de sofrer a dor que me tortura.
Recordando os meus sonhos de ventura,
Na tua mão tuberculosa e fria!...

Bem sei que este mal não mais tem cura.
Que a tua bela imagem — já sem sangue —
Em breve há de baixar à sepultura!

Mas resta para mim consolação:
— A terra que envolver teu corpo exangue,
Há de também cobrir meu coração!...

Na vida do poeta há sempre uma Julieta. E qual a pessoa que “**aos reflexos da noite enluarada**”, mesmo sem nunca ter elaborado um verso, não aprecia um violeiro quando canta ao som de sua viola uma canção chorosa? E no silêncio da noite, quando o céu todo estrelado convida os “Romeus” e as “Julietas” a um idílio de amor, “**a voz triste e dolorosa**” do violeiro faz com que apareça na janela a namorada do poeta. E quando vai se extinguindo a triste voz, quando o violeiro desaparece na escuridão da noite, ela recorda “**a serenata que passou**” e chorando copiosamente lembra que “**a doce cavatina da saudade**” é a saudade interminável do Romeu que se foi.

Admiremos o seu soneto:

QUANDO A SERENATA PASSOU...

Aos reflexos da noite enluarada,
Por entre a bruma fria e silenciosa,
Com voz altissonante e compassada
Canta o violeiro uma canção chorosa!

Escuta-o da janela a namorada!
E a sua voz, tão triste e dolorosa,
Inda soluça ao longe, em rude toada,
Na doce paz d'um sonho cor de rosa...

Depois, vai se extinguindo a triste voz!
E o véu de uma tristeza, estulta e atroz
Languidamente todo o ambiente invade!

E a serenata já passou... Agora,
Resta somente um coração que chora,
A doce cavatina da Saudade! ...

Nada há neste mundo que se compare à dor de uma partida. E, como diz o poeta, no romance da nossa mocidade, há, sempre, a dor cruel de uma partida. É exata a expressão porque, no momento “**em que a Fatalidade roubar nos quer a imagem tão querida**”, a nossa inquietação é tamanha, que se faz preciso bastante coragem para suportar tão rude golpe. Foi o que pensei do soneto abaixo:

PARTIDA

Um beijo... uma ânsia infinda... uma saudade! ...
De um bem que parte! Dor indefinida!
No romance da nossa mocidade,
Há, sempre, a dor cruel de uma partida!

Neste momento em que a Fatalidade
 Roubar nos quer a imagem tão querida,
 Na dor imensa, reprimir quem há de
 A mágoa de noss'alma entristecida?

Dentre os amores que na vida hei tido
 — Dentre os queridos — foste o mais querido,
 Foste meu sonho de felicidade!

E ainda recordo o dia em que partiste,
 Traçando, assim a página mais triste,
 No romance da minha mocidade!

Outras produções do mesmo autor: “Deus”, “Exílio”, “Cismas do Destino”, “Sonhos desfeitos”, “Visão Fugitiva”, “Solilóquio de um vencido”, “Postal”, “Mary”, “Mãezinha”, “Madrigal”, “Ciranda... Cirandinha”, “Súplica”, “Confidência”, “Sonho e realidade”, “Vesperal”, “Contraste”, “Mendigos do Amor”, “Ode à Mulher”, “Cantares”, “Inspiração”, “Painel”, “Suprema ventura”, “Recordação” e “Indecisão”.

(Abílio Chrisóstomo de Carvalho nasceu em Vitória, em 22/02/1916. Autodidata, Redator da Vida Capixaba. Era jornalista e se mudou para o Rio de Janeiro, em 1945. Pertenceu à cadeira 29 da AEL. Publicou: “Vestígios da dor antiga”, poemas, 1938 e “Mensagem de Fé”, poema, 1942. Morreu no Rio de Janeiro, em 8/10/1977.)

Jonas Farias

Jonas Farias é um nome aureolado de vitórias. No Estado do Pará fez parte do corpo redatorial do “Jornal Pequeno”, órgão de caráter socialista-moderado, editado na capital daquele Estado nortista. Em 1919 fundou e dirigiu “Guajarina”, magazine quinzenal ilustrado, com Peregrino Junior, redator-chefe e Oswaldo Orico, secretário. Em 1922 fundou com Mario Paiva o vespertino político “O Combate”, jornal político em favor do grande democrata brasileiro, General Dr. Lauro Sodré, uma das figuras de maior representação no seio da democracia brasileira. Fez parte como sócio fundador e secretário da “Academia de Portas Paraenses”, de vida efêmera no Pará.

Jonas Farias colaborou em diversos jornais do setentrião brasileiro e mui especialmente no “O Momento”, sob a direção do intrépido jornalista e poeta paraense Dr. De jard de Mendonça, que atualmente exerce o elevado cargo de diretor do “O Globo”, em Belém. Em 1913 Jonas Farias iniciava a sua atividade Literária. Não tardou a se definir e escolheu a poesia como o seu principal gênero. E desde aquela época que escreve. Reuniu os seus versos que estão todos no manuscrito “Páginas d’alma”. Presentemente o sr. Jonas Farias é bibliotecário do promissor Grêmio Literário Rui Barbosa, de Vitória.

Jonas Farias teve uma feliz ideia. Esplêndida. Gigantesca. Homenageou a exímia pianista patricia Noemita Silva com um significativo soneto que exprime a delicadeza de pensamento de que é possuído. Vejamos que linda homenagem:

NOEMITA SILVA

Tens sempre uma Tristeza a florir no semblante.
E uma Saudade vaga em teu olhar diviso.
Tristeza encantadora a emoldurar-te o riso.
E Saudade talvez de uma esfera distante,

Em que estranho país ideal paira indeciso
Teu espírito exul?... Poeta, viajor constante
No azul do pensamento, alteio-me incessante,
Numa ânsia de encontrar-te e, em vão, me tentalizo.

Feres a alma do piano altiva e, de repente,
Voas no espaço da Arte, espaço de ouro tinto.
E não cansas de voar possante, ansiosa, ardente.

E eu - pobre sonhador - impele-me a voragem. -
Subo... E subindo assim, tão alto, apenas sinto
A áurea poeira de luz que deixas na passagem.

Willis Cunha

Willis Cunha, apesar de ser um principiante, já sabe compor um verso com muita naturalidade. Fugindo ao estilo futurista como o Diabo foge da cruz, ele vai colhendo flores e arregimentando ideias. Os últimos versos de Willis Cunha têm agradado bastante. Não posso deixar de salientar aqui que há muita influência de Musset e de Gilka Machado. Os seus versos são fortes e realistas. A leitura de um verso realista não é motivo para que haja interpretação diferente a que o poeta idealizou. Certo estou de que houve alguns comentários a respeito do soneto que resolvi transcrever para o meu livro. A interpretação foi errônea. O autor procurou apenas expor o que entendia de uma moça quando se acha noiva, Não me admirei dos comentários porque há indivíduos que já se acostumaram a analisar tudo pela maldade. Não devemos assim proceder. Precisamos pôr à margem os pensamentos maus e nos acostumarmos a encarar a vida por um prisma real e que ao mesmo tempo exprima a verdade. A verdade é como a justiça, tarda mas não falha, na opinião dos grandes homens.

Leiam, sem maldade, este soneto, e verão que a leitura confessa apenas a verdade nua e clara:

SONHOS DE VIRGEM

De volta do sarau começa a se despir,
Peça por peça vai tirando ansiosamente:
Fica-lhe preso ao seio um laço unicamente
Para contê-lo riço e não deixar cair...

Quase que toda nua a virgem vai dormir,
Estira-se na alcova e dorme de repente,
Para depois sonhar, lembrando o noivo ausente,
Que vendo-a nua assim logo ousa a perseguir.

Tem ânsias de o beijar, aflita, ardentemente,
Deseja se entregar, mas, tímida, medrosa,
Foge depressa embora arqueje desejosa.

E eis que desperta então assim nervosamente,
Numa explosão sensual que até lhe causa pejo,
Flamejando no olhar a chama do desejo! ...

*(Willis Dias de Miranda Cunha nasceu em Itapemirim, em 29/12/1901. Jornalista, foi Secretário de A **Tribuna**. Foi fiscal da Secretaria da Fazenda do ES e Secretário-tesoureiro da Prefeitura de São José do Calçado. Publicou: "O professor Desidério", romance, 1957 e tem inédito um livro de poemas, "Estâncias". In: ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**.)*

MILTON AMADO

Milton Amado, apesar de ser ainda uma criança, é um nome conhecido no meio literário de Vitória. Entre os poetas novos do Espírito Santo ele ocupa um lugar de destaque. Sabe escrever com sentimento e com harmonia. No “Diário da Manhã” ele empregava a sua atividade literária compondo preciosas joias para o deslumbramento dos leitores que já se acham habituados com a seleção de valores que aparecem na parte do “Diário Social”. Graças ao bom gosto do Jayr Amorim, o “Diário da Manhã” é hoje um matutino que interessa a todo aquele que sabe apreciar o que é bom. Refiro-me ao Jayr porque é ele o orientador do “Diário Social”.

Por motivos de saúde seguiu de há muito para o Estado de Minas Gerais a fim de recuperar as energias despendidas, o apreciado autor de “Baú Velho”. Eu calculo a grande falta que o Milton Amado faz ao Cyro Vieira da Cunha e ao materialista Silveira Rosa. Mas, mesmo de longe, ele não se esquece que há no Espírito Santo muitos leitores que o admiram. E para prova aí está um interessante soneto que o Milton Amado presenteou aos seus leitores. Apreciemos com a calma que se faz necessária, o valor poético do meu apresentado:

BAÚ VELHO

Baú velho de cartas muito antigas
Que a gente lê, sorrindo, devagar,
Ao som de umas velhíssimas cantigas
Da noite, ao velho órgão do luar.

Velhas cartas de amor... Vozes amigas,
Suavissimamente, a recordar
Nossas horas risonhas, nossas brigas,
Toda a felicidade de se amar...

Saudade — flor de espinhos de veludo...
Um retrato qualquer, que é quase nada,
Uma recordação, que é quase tudo...

Báú velho... Postais, cabelos, flores
Ressequidas... A história desgraçada
De desgraçados... trinta e dois amores...

Joaquim Ramos

O nome de Joaquim Ramos ainda não atravessou as nossas fronteiras. Explico a razão. Porque quase não escreve. É demasiadamente tímido. E a timidez, na opinião, de Vargas Vila, revela mediocridade. E o Joaquim Ramos não pode ser considerado um poeta medíocre. Não. Ele possui alguns versos que podem ser apreciados como bons. Naturalmente ele não pode ser incluído no rol dos nossos principais poetas, Ainda não tem a verdadeira escola e um estilo perfeito. Seria injustiça de minha parte considerá-lo um Almeida Cousin ou um Narciso Araújo. O que tenho a dizer é que se trata de um vate aproveitável. E de muito futuro. Deve, todavia, abandonar o modernismo. É preciso apenas que tome um pouco de coragem como Nilo Aparecida Pinto, um dos melhores entre os novos. Se o Joaquim Ramos continuar a escrever, será um grande poeta. Aí está uma prova evidente do seu valor:

SUPREMA BELEZA

O meu sonho, querida, é tão sublime,
Que o resplendor do Verbo não traduz...
O pensamento humano não exprime.
A grandeza infinita desta Luz...

O meu sonho, querida que redime,
O meu sonho tem sido a minha cruz...
Quando esta dor me punge e assim me oprime,
Penso no olhar sereno de Jesus...

A gente sofre menos quando pensa,
Que alguém sofreu por nós bondosamente,
De olhos serenos, uma dor imensa...

De alma feliz e coração risonho,
Cantarei pelo mundo em canto ardente,
A suprema beleza deste sonho...

Diógenes de Noronha

Diógenes de Noronha incontestavelmente tem produzido bons versos. A sua bagagem literária pode ser considerada e rivalizada com a do Nilo Aparecida Pinto e a do Alvimar Silva.

É que o poeta Diógenes de Noronha compreendeu que o poeta para se tornar admirado pelos leitores necessita de escrever bons versos. E tem razão. Estou com ele. E com os outros que pensam a mesma coisa. Augusto dos Anjos só foi um grande poeta porque se aperfeiçoou no gênero trágico. Vicente de Carvalho só chegou a alcançar o primeiro lugar entre os maiores poetas paulistas porque viveu os seus últimos anos cantando nos seus versos as belezas da Natureza e bendizendo o valor da poesia bucólica. Acredito que o Diógenes seja um bardo que vive inseparável da Esperança, mas o que eu não posso acreditar é que ele hoje sendo poeta seja tão feliz o quanto o era em criança. Por quê? — dirão. Porque o homem é o escravo daquilo que ele pensa. Nunca estamos satisfeitos. O cérebro é insaciável. Quanto mais se pensa... mais se tem o que pensar. E eis aí a razão porque nasce a infelicidade dos homens que vivem de pensar.

Vejamos, por exemplo, este soneto de Diógenes de Noronha:

NA HORA DO DESENGANO

Eu era feliz quando criança!
De bom tive o que a vida pode dar.
Amigo inseparável da Esperança
Contava-me ela histórias de encantar.

De uma ternura incomparável, mansa,
Convencia-me sempre o seu falar.
É que por vezes vinha-me à lembrança
Sobre — a Felicidade — a interrogar.

E eram tão prontas, tão sutis em suma,
Suas respostas que no pensamento
Não me restava dúvida nenhuma.

E fiz-me moço. E chega-me o momento
De ver como na areia morre a espuma
E de como a onda se desfaz ao vento.

Ernesto Guimarães

Ernesto da Silva Guimarães é Chefe da União dos Escoteiros Brasileiros e da Federação Espírito-santense de Escoteiros. O Escotismo tem merecido por sua parte muito interesse e demasiada dedicação. Haja vista a tese que apresentou ao Congresso Luso-Brasileiro, sob o título “A Justiça e o Escotismo”. A sua preciosa obra é um hino de brasilidade. O autor fez uma exposição do que tem sido o escotismo nos principais países civilizados e faz um apelo para que a obra do escotismo mereça por parte de todos os brasileiros a devida atenção que se faz necessária.

O sr. Ernesto da Silva Guimarães é também Juiz de Direito da 1ª Vara, em Vitória. Segundo um sueto do “Diário da Manhã”, o aludido Juiz publicará ainda este ano o seu livro intitulado “A questão dos menores”. É uma obra jurídica e de grande alcance social. Evidentemente a assistência aos menores tem tido no Dr. Ernesto da Silva Guimarães um dos mais dedicados servidores. É de se prever grande aceitação do seu precioso livro, dadas as qualidades do seu autor.

Apreciemos agora este hino escoteiro da lavra do Dr. Ernesto Guimarães:

O ADEUS ESCOTEIRO

Música do maestro Savelli

Companheiros! Desperta a alvorada,
Sem demora, unidos marchemos.
Nossos cantos pela madrugada
Em festivas toadas cantemos.
Nosso peito mantenha a firmeza
Dessa voz que divina nos guia
Para o Ideal de suprema beleza
Que a nós todos só traz alegria.

Nesse livro onde o amor nos ensina
Que devemos o bem praticar,
Da Natura colhemos doutrina
Para após pelo mundo espalhar.
Vida livre dos campos seguimos
— Cavaleiros modernos — risonhos.
Sob a Cruz que levamos, sorrimos...
Na esperança de todos os sonhos.

Sempre ao lado do fraco estaremos,
— Flor de Liz — nos inspira este norte;
Como valor, nossa Lei cumprimos
Muito embora afrontemos a morte.
No anseio afinal da jornada,
Seja glória maior, esse - Adeus
Confirmando à noss'alma a cruzada;
— Pelo nome da Pátria e por Deus.

ESTRIBILHO

... Pois cantemos à luz do arrebol.
Que o viver nos exalta escoteiros!
Bendizando os ardores do sol,
Deste sol dos rincões brasileiro.

(Ernesto da Silva Guimarães nasceu em Niterói, RJ, em 02/03/1897. Formou-se em Direito no RJ, em 1923 e veio como juiz de Direito para o ES, em 1924. Publicou vários discursos, poemas e peças de teatro. Morreu em Vitória, em 03/09/1960).

Joaquim Miranda

Antes de 1930 nunca se ouviu falar que aqui no Espírito Santo existia um poeta que respondia pelo nome de Joaquim Miranda. A Revolução de Outubro fez com que aparecessem individualidades até então desconhecidas. Ei-lo agora aqui entre os leitores que tiveram a bondade de comprar um volume do meu livro. Irão agora mesmo conversar com ele. Com muita intimidade. É sempre agradável a gente passar umas horas agradáveis a palestrar com um moço culto. Joaquim Miranda veio para dizer que o Estado do Espírito Santo é um Estado maravilhoso, onde os bardos vivem sonhando com as Ninfas. Veio de longe e trouxe “A alma cansada e exangue”. E qual não foi a sua decepção quando notou que os seus castelos ruíram por terra e que não há possibilidades de haver uma reconciliação. Foi pena ele ter viajado tanto e regressar alquebrado e triste para suplicar o perdão de uma criatura que só veio ao mundo para fazer o pobre poeta sofrer.

Joaquim Miranda não resta a menor dúvida é de muito futuro. No seu soneto abaixo apreciei tudo, menos a repetição da rima “sangue”. É verdade que há entre os nossos acadêmicos fatos idênticos. Acho que é uma falha que pode muito bem ser corrigida. Todavia o soneto é bom e não desmerece o seu valor.

SAHARA VITAE

- Venho de longe e trago a alma cansada e exangue:
Qual Ashaverus, vaguei, famisedento e insonte.
Rotas as vestes, lasso o corpo e os pés em sangue,
Necessito de um colo onde repouse a fronte.

Por décadas errando, escalei, monte a monte,
Os píncaros do Ideal, seguindo a doce langue
Modulação do Sonho. E, a sorrir, no horizonte,
Contemplei arrebóis e auroras de ouro e sangue.

Perseguindo, a sonhar, Atlântidas soberbas
E pérolas de Ofir e gemas e tesouros,
Na adustão do areal curti dores acerbadas,

E hoje vendo, com dó, meus castelos ruindo,
Perdida a Fé, falseado o Amor e em pó meus louros,
Volto, alquebrado e triste, o teu perdão pedindo...

Hermano Brunner

Hermano Brunner tem sido entre nós uma figura de destacada projeção intelectual. O seu nome é popular entre os que acompanham o movimento intelectual do Espírito Santo. Durante dois anos colaborou no “Diário da Manhã”, mantendo uma seção intitulada “Aos Domingos”, onde se via o valor pujante do seu espírito arguto. Hermano Brunner, “doublé” de jornalista e poeta é de uma capacidade de imaginação extraordinária. Todas as suas produções são apreciadas com otimismo. É um poeta que se encontra em todos os álbuns dos nossos colecionadores. Pondo à margem os versos sentimentalistas achou que o verso descritivo tem mais vida e mais fulgor. E tem mesmo. O exemplo aí se vê no soneto escrito em 1923, em Rio Madeira, Amazonas, quando ali esteve o general Leônidas de Mello:

O SERINGUEIRO

Obscuro e grande herói, das plagas onde a vida
É como um sonho mau, de monstros cheios, - certo
O destino te impôs este imenso deserto
Num momento feroz de raiva desmedida!

Rifle ao ombro, lá vais pelo caminho incerto
Antes do alvorecer, buscando a ingrata lida.
Teu mundo é a selva enorme, escura indefinida,
Esta selva, onde agora adormeço e desperto!

Que odisseia sem nome, o teu labor ingente,
Nesta infinda masmorra, em que és livre e cativo,
A pantera, vencendo, esmagando a serpente!

Ao medo, ao desespero, a dor, não te abandonas;
E existe, em teu valor sempre pujante, vivo,
A grandeza sem fim das brenhas do Amazonas!

Oswaldo Poggi

Enrique Ibsen diz no seu livro “Espectros” que procurar a ventura nesta vida, é patentear verdadeiro espírito de revolta. Foi relendo “Espectros” que me lembrei do poeta Oswaldo Poggi. Na suave emanção dos seus delicados versos devemos apreciar com sinceridade o seu estilo, a sua espontaneidade flagrante. Oswaldo Poggi é um bardo que já tem publicado inúmeras produções dignas de encômios. É digno de ser incluído na primeira Antologia a ser organizada neste Estado.

Poeta lírico e sentimental. Nos divinos acordes da sua lira harmoniosa destacam-se estes dois bem elaborados sonetos:

DE UM CRENTE

Essa que há de seguir-me em meu caminho
Em procura das terras do Futuro,
Talvez tu sejas e prometo e juro
Que há de viver segura do meu carinho.

Escuta: Há pela estrada muito espinho,
Muitas vezes o Céu se mostra escuro.
Porém contigo o chão ser-me-á de arminho
E todo o Céu terá o azul mais puro.

Vem. Não percamos tempo. Há muita festa
Que as aves nos preparam pela estrada
E tem o bosque a luz que a aurora empresta.

Vem. Eu, estou em ânsias desejoso
De te chamar ufano minha amada,
Bebendo vida em teu olhar glorioso.

FINIS VITAE

Parece enfim, oh! céus! oh! dor saudosa
Que esta triste comédia vai findar...
Comédia ou melodrama? Hora formosa?
Será noite sem astros e sem luar?

Não sei. Sei que minha alma quer chorar
Em expansões de mágoa suspirosa...
Alma que assim te vais sempre a penar
A caminho da tumba silenciosa.

Vai-te, ilusão de um dia. A vida é breve...
Há sombras no sepulcro e a terra é leve...
Lembrarei inda o tempo já passado?

Não te perturbes na fatal lembrança
De que viveste um dia... Vai... Descansa
Teu coração em lágrimas banhado.

Clodoaldo Linhares

O ilustrado poeta português Antonio Ferreira foi sempre um poeta admirado. Era considerado, entre os poetas clássicos portugueses, uma das figuras destacadas. Era talvez esse o motivo por que os seus colegas sentiam por ele uma admiração reverente.

Era Antonio Ferreira um grande amigo do silêncio, companheiro do nosso grande mestre Medeiros e Albuquerque. Certa vez um repórter português interpelando-o sobre o que pensava do silêncio, dele ouviu a seguinte resposta:

*Ditosos os que vivem bem calados,
Metidos em si mesmos e contentes
De não serem ouvidos nem julgados!*

Coisa semelhante aconteceu aqui em Vitória com o poeta Clodoaldo Linhares. Sendo que os protagonistas pensam exatamente o contrário. Antonio Ferreira adora o silêncio; Clodoaldo Linhares abomina-o.

O conhecido jornalista Silveira Rosa, talento de escol, redator do “Diário da Manhã” de Vitória, consultando o Sr. Clodoaldo Linhares, teve como resposta a afirmativa seguinte:

*É noite e solidão! Um frio agudo
Os nervos meus contraem! Como demora
No horizonte o despontar da aurora,
E como é triste este aposento mudo! ...*

O bardo Clodoaldo Linhares é de um pessimismo a toda prova. Incalculável mesmo. Parece que só acha de escrever sonetos de lamúrias e desenganos. Vimo-lo num desalento extraordinário. Parecia até que estava convivendo com o poeta Joaquim Ramos. E agora o vemos não menos tristonho e, dizendo, sem o menor acanhamento, entre outras cousas, o seguinte:

*Na mórbida tristeza em que me vejo
 Pelas noites de tétrica amargura
 Tento rever, qual pálida ventura
 De minha infância um pálido lampejo.*

Clodoaldo Linhares é um exímio transformista. Destruindo o que havia dito minutos antes, confessa agora no seu verso o seu desejo pecaminoso. Vejamos como é que um poeta aprecia, uma mulher:

VELADA

Quero-te assim velada, inteiramente oculta,
 —Deixando a mente errar, como num céu distante—
 Cinge teu lindo corpo à veste roçagante...
 Assim, meu doce Amor, o meu amor exulta!

Vendo-te o seio apenas, túmido, ofegante,
 A curva escultural que em teu colo avulta,
 O impudente Apeles de fantasia culta
 Pode o resto traçar em tela deslumbrante!

O que seria de mim se te encontrasse nua,
 Mesmo em cópia infiel, exposta a certa gente
 Que só de ver-te o rosto de desejo estua?!

Oh! mata este receio! Se és minha unicamente
 Basta que eu saiba só que esta beleza tua
 Cansou na Natureza a mão onipotente!

Areobaldo Lellis

Areobaldo Lellis é uma das figuras principais do jornalismo capixaba e um dos redatores do “Diário da Manhã”. O meu apresentado já tem ocupado diversos cargos de representação oficial neste Estado. Foi por diversos anos médico-legista da Chefatura de Polícia. Atualmente exerce a sua profissão na capital do nosso Estado.

Lembro-me de uma passagem que se deu comigo e o Lellis. Quando eu era um principiante nas letras, escrevi uma crônica a propósito do livro de Cláudio de Souza. Trata-se de “As mulheres fatais”. Areobaldo Lellis leu a minha crônica e sorriu. E eu já ia ficando encabulado quando ele se voltando para mim, exclamou:

- A sua crônica está muito bem escrita. Aprecio o seu gesto. Dificilmente se acha um estudante que saiba agradecer os conselhos de um mestre. E juntando os conselhos do Cláudio de Souza, vai mais este: Não publique esta crônica. Se você conhecesse medicina notaria grandes falhas neste livro. E continue a escrever... escreva sempre.

Ele nas horas vagas costuma escrever uns versos delicados. É preciso que se saiba de uma novidade: o referido poeta só escreve sonetos, o que é apreciável, quando faz anos a sua digníssima consorte ou as suas carinhosas filhinhas. Já tive ocasião de verificar o que estou afirmando. É uma homenagem que ele presta com veneração. E nas suas poesias é a voz do seu íntimo que vibra e fala ao mesmo tempo. Como prova aí está um soneto que escreveu no dia do aniversário da idolatrada companheira:

ESPOSA

No caminho da vida, a sós, a divagar
Como um barco sem rumo, em noite escura e densa,
Amparei-me a teu ser, com tal fervor e crença,
Que este amparo valeu-me a formação de um lar.

Nele tem sempre havido um anjo tutelar
Que és tu, flor de meiguice, a derramar intensa
Sobre nós o clarão dessa bondade imensa
Que vive dia e noite em ti a palpitar.

Unidos, como sempre, agora seguiremos
Da vida pela estrada o novo rumo aberto,
Tão diferente, vês, daquele que vencemos;

E nele ainda és tu, piedosa, a me guiar
Com o teu animo forte e o teu amor alerta,
Tão puro como os céus, tão grande como o mar.

(Areobaldo Lellis Horta nasceu em Vitória, em 11/11/1883, filho do famoso Professor Lelis. Era médico legista e exerceu vários cargos na administração pública. Foi quem deu a Vitória o epíteto de “Cidade Presépio”. A AEL publicou seu livro “A Vitória do meu tempo”, em 2007. Faleceu em Vitória, em 09/06/1953.)

Nilo Neves

Nilo Neves estudou para padre. Estudou de fato. Chegou até a fazer um buraquinho que os padres têm na cabeça. Não chegou a se ordenar. Fugiu em tempo. Foi um escândalo para muita gente que estava esperando a sua primeira missa cantada e sincronizada. Entretanto não me admirei. Eu já vesti batina 4 anos. Rezava mais do que a comadre da minha bisavó. Quase que fiquei santo... mas ficou no quase. Fugi. Desapareci. Morri. Visitei outros planetas. Morei em Saturno. Marte. Vênus. Visitei todos os Deuses. E Platão também. E assim fez o Nilo Neves. Desapareceu num dia de chuva... e até hoje o Seminário não mais o viu. Fez muito mal. Muito mesmo. Já podia ser o bispo de Campinas. Ser bispo de Campinas é possuir 8 contos de réis mensais. Líquido. Sem desconto. Sem imposto. Os padres não pagam impostos.

Nilo Neves é muito estudioso. No Ginásio Pedro Palácios de Cachoeiro de Itapemirim leciona português e, se me não engano, latim. Aproveitando frases de diversos poetas nacionais, Nilo Neves organizou um soneto metrificado e rimado. É a prova cabal da sua constante leitura. O aludido poeta irá descrever o que pensam os poetas sobre a:

VIDA

A vida é uma comédia sentido,
A vida é sonho e como sonho passa;
É a escora de uma lava em crânio ardido,
É a impressão de um pouco de fumaça.

A vida é curta, é sonho de momento,
A vida é um bem apenas aparente;
Passa depressa como o pensamento,
E se desfaz em poeira lentamente.

Quem é que pensa e não desama a vida.
Pena tão lenta e morte tão comprida
Um punhado de cinza, de amargura?

Sonhemos sempre um sonho de ventura.
E depois de andar tanto... que perdura?
— Quatro círios acesos, — eis a vida.

Jose Maria Morgade Miranda

José Maria Morgade Miranda é um moço que atualmente cursa o terceiro ano de Medicina. Desde criança começou a rabiscar umas quadrinhas e daí nasceu a sua tendência para a poesia. E tem escrito bons versos. Não é um poeta ainda feito, mas, com a continuação, acreditamos que o será muito breve. Pelos versos que tenho lido não irá longe o seu desejo. Eis a melhor produção de sua autoria:

Sou alma, tédio, amor, paixão sangrenta,
Desmanchador dos bens da humanidade,
Sou riqueza, remorso que atormenta.
Sou lagrima, alegria, sou saudade.

Sou lembrança, virtude que acalenta
O coração pra toda a eternidade.
Sou o amor, que na vida representa
A alegria triunfal da mocidade.

Destino e inteligência eu sou também
A tristeza, essa morte simulada,
Constantemente visitar-me vem.

Sou o romper sutil da madrugada
Quero ser muito, quero ser alguém.
E acabo por ser tudo e não ser nada.

Manoel Virgínio

Manoel Virgínio veio descobrir a sua vocação depois de ter completado 24 anos de idade. Antes tarde, do que nunca, diz um provérbio popular. Morei em Vitória 3 anos e conheci pessoalmente o sr. Virgínio. Não me falou em poesias. E qual não foi a minha surpresa quando o vi pela última vez declamando um soneto de sua autoria. Vi-o na Academia Espírito-santense dos Novos discutindo versificação com o poeta Abílio C. de Carvalho e afirmando que os versos alexandrinos são mais difíceis do que uma equação algébrica do Prof. Erikson Cavalcanti, ex-professor do autor destas linhas.

Manoel Virgínio aprecia uma palestra literária. Provoca mesmo. Começa logo dizendo que a festa das Neves em João Pessoa, Estado da Paraíba, é muito superior ao carnaval capixaba. O Alvimar Silva protesta dizendo que a festa da Penha de Villa Velha, subúrbio de Vitória, faz com que a mocidade se lembre da figura de Anchieta, o Apóstolo de Cristo. Silveira Rosa entra em ação e começa logo dizendo que a atmosfera é um conjunto de ideias metafísicas. Diógenes de Noronha diz que o problema da relatividade é a mania dos que estudam os astros. Eu que não sou astrólogo fico à margem ouvindo a discussão. É quando entra o Willis Cunha dizendo que havia abandonado o materialismo e que estava preparando a alma para se tornar muito em breve um presbítero. O Silveira Rosa deu uma gargalhada que o Beresford Moreira julgava-o atacado de uma doença, terrível. Foi uma revolução tremenda entre os intelectuais que jamais pensaram que o autor de “Sonho de Virgem”, o sensual Willis Cunha se transformasse da noite para o dia.

Este soneto possui a inquietação de um moço que tem ânsias de alcançar um fim mais risonho:

EU

Este que sempre luta pela vida,
De peito erguido, cheio de pureza,
Enfrenta a dor, levando de vencida,
As ilusões da própria Natureza...

Assim que vê uma alma enfraquecida,
Sem um prazer, chorando de tristeza,
Talvez, por algum mal, arrependida,
Dá-lhe conforto, enchendo-a de nobreza.

Nunca trepida diante da tortura
De uma vil destruidora desventura
Que o Ser humano, nesta vida encerra.

Mas se a morte o levar sem ter piedade
Levará para a imensa eternidade
Todos os bens que fez aqui na Terra...

Carlos Magalhães

Carlos Magalhães vive no coração da mocidade estudantina de Vitória. Foi sempre um boníssimo camarada e um sincero e leal companheiro de estudos. Foi meu condiscípulo de Academia e sempre notei as suas ótimas aptidões intelectuais. Deixando os estudos foi secretariar o magazine “Vida Capixaba”, naquela época sob a competente direção do filólogo espírito-santense Elpídio Pimentel, a figura mais representativa do intelectualismo capixaba.

Convivendo com o espírito cintilante de Elpídio Pimentel, Carlos Magalhães não tardou a adquirir um estilo perfeito, tornando-se um cronista de mão cheia, como diz o ilustre professor Heráclito Amâncio Pereira. Tem a palavra o apresentado:

DOIS DESTINOS

Vamos nós dois, tu e eu, por esta estrada
 Onde o amor canta e uma esperança mora.
 Há folhas verdes, florescência agora.
 Primavera e perfumes de alvorada.

Creio em ti, crês em meu amor e nada
 Perturba a paz que a nossa vida enflora.
 Só me queres, minh'alma só te adora:
 Sou poeta, és minha noite enluarada...

Mas um dia (ah! possa ele nunca vir!)
 — A sorte é vária e a vida é tão falaz
 Quem sabe se um de nós tem de partir?

Pois enquanto o amor se abre em rosas e hinos
 Partamos já, que esta esperança traz
 Unidos em um só nossos destinos...

J. Corrêa de Araújo

J. Corrêa de Araújo gosta de escrever versos amorosos para ser agradável às criaturinhas que andam fazendo o “footing” pelas ruas com as perninhas descobertas. Um pequeno movimento que uma mulher faça no corpo... é um soneto na certa.

Eis aí a emoção de sua alma vibrante:

AOS TEUS OLHOS

Cismo do teu olhar... E cismo tanto,
Que ao vê-lo assim, de mágoa e gozo misto,
Olho uma vez, olho outra vez, insisto,
Sem definir se nele há gozo ou pranto.

Vezes ao defrontá-lo, não resisto;
Parece o sol a pino. No entretanto,
O teu olhar seduz, me faz quebranto
Como se fosse o meigo olhar de Cristo,

Fizesse em teus olhares meus estudos,
Certo, desvendaria este segredo...
Porque teus olhos nunca foram mudos.

Não me deixes assim todo indeciso!
Quero estudar teus olhos sem ter medo,
Tanto na mágoa como no sorriso...

Aldércio de Aquino

Fiquei surpreendido com o sr. Aldércio de Aquino. Admiradíssimo. Espantado mesmo. Por que tal admiração? Não sabem? Dizem as más línguas que todo poeta é maluco. E eu agora vi um “louco” descrito por um poeta. Qual será o louco agora? É o poeta tido como louco ou é o “louco” escrito pelo poeta? Respondam-me? Os poetas são doidos, meus senhores, mas são doidos que têm mais juízo do que muita gente que anda por aí dizendo que tem juízo e que não passa de maluca. Só lendo “Um doido de Juízo”, revista de Codeceira para se ter uma ideia exata do que é capaz a humanidade perversa e má. Vejamos agora a opinião abalizada do sr. Aldércio de Aquino:

O LOUCO

Ei-lo que surge dentre a malta corrompida,
 Que se desmancha, cruel, em desumanidade!
 E, ele, nem mais protesta aquela vil maldade:
 É alma que já não sente os espinhos da vida.

Mas, qual a desventura insana que o trucida,
 E o sofrimento atroz que o peito seu invade?
 Será da pátria longe a angústia da saudade
 Ou deletério amor de alguma pervertida?

Ele nada revela... Impenetrável, mudo,
 Prossegue cabisbaixo, indiferente a tudo,
 Em procura da paz, em busca do seu norte...

Sim, e às vezes com o olhar em fogo, soluçando,
 A gente o vê contrito, ao Redentor clamando,
 A finalização do seu sofrer — a morte!

Nilson de Miranda

Há dias passados recebi a visita espiritual do sr. Nilson de Miranda. Enviou-me um soneto por intermédio de Alvimar Silva, o poeta que vive com o cérebro abarrotado de poesias decoradas. Li-o e notei que o bardo a mim apresentado é ainda um principiante. Todavia é um principiante que sabe compor um verso com aquela graça natural que vemos nos versos de Vicente de Carvalho.

Há muita gente, entre os velhos, que não é capaz de escrever um soneto como este:

VERSOS DE UM TRISTE

Rudemente a rolar de quebrada em quebrada,
Rugindo como um leão, espumando raivoso,
O Amazonas descai sobre o oceano impetuoso,
Como a fera a saltar sobre a presa almejada.

É a pororoca, então, é a luta desenfreada
Do Rio contra o Mar em êxtases de gozo.
E rugindo e rolando e rebramindo, airoso,
Carrega, no seu dorso, algo que sobrenada.

Também, desta existência, o Amazonas seguindo,
Sempre triste, a chorar, olhando o espaço infindo,
Procurando, no Céu, um fanal que me exorte,

Hei de, pobre viajor, sem Fé nem Esperança,
Que vivi para o Amor—néctar que não se alcança! —
Afundar-me, afinal, no pélagos da Morte...

Elpídio Pimentel

O Prof. Elpídio Pimentel, quando rapazola, gostava de escrever versos românticos. O que era natural na sua tenra idade. Desde 1915 para cá não mais publicou um soneto. Naquela época o ilustre catedrático do Ginásio do Espírito Santo não havia escolhido o seu gênero predileto.

Elpídio Pimentel, abandonando para sempre a poesia, tratou de se aperfeiçoar em conhecimentos linguísticos. Hoje é apontado como um filólogo e um grande conhecedor do nosso idioma. Figura entre o João Ribeiro, Othoniel Motta, José Oiticica e Eduardo Carlos Pereira.

Elpídio Pimentel dirigiu por diversos anos “Vida Capixaba”, a principal revista do Estado, hoje sob a orientação de Carlos Madeira e Almeida Cousin. Apreciemos o último soneto escrito pelo bardo capixaba:

CORAÇÃO PRESSAGO

Quando medito o meu presente escuro,
E vejo a vida, de ilusões, vazia,
Cruel lembrança de cruel futuro,
Meu peito inerme, perenal, crucia!

Se fito o mundo pervertido, impuro,
Da glória, a luta, no meu crânio esfria...
Se minha estrela na amplidão procuro,
Encontro-a morta, solitária e fria!

Sinto-me preso, na tortura imerso,
À realidade de um porvir diverso
Desse que afago, nos sonhos meus:

— Cair lutando, sob a mão da morte,
Bravo, impoluto, como cai um forte,
À sombra amiga dos carinhos teus!...

(Elpídio Pimentel nasceu em Serra, ES, em 14/09/1894. Foi advogado, jornalista e professor. Dirigi a revista "Vida Capixaba" e "O Diário da Manhã". Foi professor de Português e Literatura na Escola Normal Pedro II. Publicou livros didáticos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 19/10/1971).

Florisbello Neves

Florisbello Neves no eflúvio espiritual de sua alma apaixonada e triste, cantou com êxtase a despedida da mulher querida, dizendo que “a própria Natureza” chora a “cruciante dor de uma despedida”.

Florisbello Neves exerce o cargo de Diretor do Grupo Escolar “Alberto de Almeida” de Siqueira Campos (Guaçuí). Uma pequena pausa e leiam este soneto:

DESPEDIDA

De toda dor, que o coração crucia;
De todo mal, que nos reserva a Vida,
Nenhum possui, talvez, a nostalgia
Como a dor forte, de uma despedida.

Mal um “Adeus”, um lábio balbucia
Nesse momento atroz, de uma partida...
E, lá se vai toda a nossa alegria,
Nos olhos tristes da mulher querida.

Parece, até, que a própria Natureza
Nos acompanha, nesse adeus sentido,
Nessa cruciante dor da despedida.

Desce o sudário negro da tristeza.
E o coração por ele revestido,
É um revoltado, a maldizer a vida.

Jonas Montenegro

O nome de Jonas Montenegro sempre esteve no mais alto grau de simpatia entre os intelectuais que formavam a ala antiga do intelectualismo terrantês.

Exerceu com grande êxito a cadeira de Professor de Filosofia do Ginásio do Espírito Santo.

Ainda hoje os seus exemplos estão prestando grandes benefícios. Os ex-alunos de Jonas Montenegro são os principais valores da nova geração intelectual do Espírito Santo.

Jonas Montenegro foi um mestre que soube transmitir o que sabia aos seus alunos. Ele exercia entre os seus alunos uma influência extraordinária. As suas lições eram bem claras e bem compreendidas. Como poeta, nada se podia desejar de melhor.

Transcrevo em memória do ilustrado vate um bem elaborado soneto que ele dedicou ao Prof. Elpídio Pimentel, lente de Português, na seção “Galeria do Ginásio do Espírito Santo”, publicada na “Página da Saúde”, de “Vida Capixaba”.

PERFIL VADIO

Determinando aqui seus qualificativos
e analisando bem a sua construção,
noto nele com gosto, em boa conjunção,
o trabalho, o vigor e mais atributivos

de quem sabe viver num período de ação.
O verbo dele tem arrosos substantivos
e o seu trato cortês, fugindo a imperativos
modos, prende a qualquer na melhor afeição.

Não me consta, sequer, que alguém, qualquer sujeito
encontre nele algum estranho predicado,
objeto de censura ou que o torne imperfeito.

Embora SUBSTITUTO, ele está na regência
da cadeira de quem, por sobrecarregado,
Não a pode reger co'a devida eficiência.

(Jonas Meira Bezerra Montenegro nasceu em Belém do Pará em 01/10/1891 e morreu em Vitória, em 05/05/1923. Foi advogado, professor e promotor público em Vitória. Publicou poemas e conferências).

Corlumbo Ferreira

Corlumbo Ferreira é um rapaz de um futuro auspicioso. Digo assim porque sempre estudou por conta própria. Enfrentando com galhardia todos os obstáculos. Vencendo todas as barreiras. Transpondo todos os subterfúgios que se lhes apresentavam na acidentada vida estudantina. Ele merece o nosso apoio. Sincero. Leal.

Em 1929 publicou o seu livro de estreia intitulado “Inferno Verde”.

Já ocupou o elevado posto de Inspetor Escolar neste Estado, antes da Revolução de Outubro.

O sr. Corlumbo Ferreira além de prosador resplandecente é um bardo que possui uma quantidade de versos que muito o recomendam entre os nossos vates contemporâneos. Entre os seus bons versos gostei deste suave soneto:

PANTEÍSMO

Pleno verão... luzindo, crepitando,
Sob o sol no Zênite, palpita a terra. ..
Há, longe, pelo espaço afora ecoando,
Trompas de caça, inúbias de guerra...

Borboletas polícromas, um bando,
No prado, sobre o laço, na alta serra,
São como flores tontas revoando,
Como uma multidão aérea, que erra.

Aqui e ali, ante o ígneo resplendor
Do sol, se assiste à união divina
Do perfume, do som, da luz, da cor...

Em êxtase bendigo a Deus então
Vendo tudo vibrar, cumprindo a sina.
Em o milagre da fecundação.

Fernando Motta

Fernando Motta era um verdadeiro esteta na arte que dignificou o nome de Castro Alves. Aos 12 anos já escrevia sonetos metrificados e rimados. Espírito perplexo e observador. Morreu ainda criança. Tinha apenas 21 anos de idade quando a sua figura de poeta misterioso desapareceu deste mundo tão cheio de misérias e de sacrifícios.

Fernando Motta dedicou toda a sua mocidade aos estudos. E morreu estudando, aprendendo, ensinando, amando, crendo, idealizando, versificando... Este foi o último soneto que escreveu:

EXCELSA HARMONIA

Nos trâmites azuis do Sonho e da Quimera,
 Áureo castelo ergui, à luz das madrugadas,
 E tinha por zimbório a ilimitada esfera
 E por amparo tinha as ilusões doiradas.

Cantava-se na alma, em mágicas toadas,
 A voz de Alguém, que um dia, então, me disse: “Espera!
 Não te vás a ferir os pés nessas estradas,
 Não tarda, meu amor, a grata Primavera!”

Perdeu-se aquela voz em meio à noite escura,
 E nas terras que andei não encontrei, no entanto,
 Ninguém que lhe imitasse a límpida doçura.

E aquela voz dorida imaculada e mesta,
 Entrou dentro em minh'alma em místico quebranto
 Como um rio, a cantar, no seio da floresta...

(Fernando Motta nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, em 1889, ali falecendo em 16/05/1912. Exímio sonetista. Era irmão do também poeta João Motta. Escreveu em jornais e revistas capixabas).

Belisário Vieira da Cunha

O poeta é um indivíduo que veio ao mundo para desempenhar uma missão espinhosa. É olhado pela humanidade como um maníaco ou maluco. Ser poeta no Brasil — na opinião dos incautos e ignorantes — é ser pachola.

Felizes daqueles que sabem o que representa a poesia na vida interna de um país. Se não existisse o poeta, não existiriam os hinos patrióticos! É verdade que a maioria dos nossos bardos não sabem sintetizar nos seus versos o valor da poesia. Os próprios poetas não sabem o que são e muito menos o que deveriam ser.

Belisário Vieira da Cunha foi um poeta que soube honrar o seu título. Escreveu inúmeras poesias patrióticas e diversas odes. Veio para este Estado ainda pequeno e aqui morreu na avançada idade de 72 anos. Exercia a profissão de médico. Era um jornalista de combate e um poeta na expressão da verdade.

Deixou diversas obras de real valor. Colaborou nos principais jornais e revistas do país. Era um poeta que vibrava a sua lira com excelsa harmonia. Deixou o ilustre bardo um filho que é hoje um dos bravos jornalistas do grande matutino carioca “A Nação”. Trata-se de Vieira da Cunha, talento de escol.

Belisário Vieira da Cunha usava sempre o pseudônimo de Phidias. Publicou calculadamente 200 poesias com o aludido pseudônimo.

Benjamin Silva num capítulo anterior descreveu “O Frade e a Freira” e agora o Belisário Vieira da Cunha vai dizer o que é o:

ITABIRA

Pelas manhãs brumosas cedo cinge
O formoso albornoz de frocos brancos.
Livre o cabeça, oculta os flancos
E os rijos membros na tuitiva estringe.

O primeiro clarão que os altos tinge,
Tinge-lhe a fronte negra em traços francos.
As arestas, as gotas, os barrancos,
Saem da escuridão que se distingue.

Despe, em seguida, a nebulosa veste
Entre os rubores vãos da natureza,
Sob o calor do sol que aponta a leste.

Às cambiantes da luz no vasto escrínio,
Em tronos de esmeralda e de turquesa,
Alça a glória espectral do seu domínio.

(Belisário Vieira da Cunha nasceu no estado do Rio de Janeiro, em 1850. Médico, transferiu-se para Cachoeiro de Itapemirim. Vivia na Fazenda Prosperidade, em Vargem Alta, onde reunia poetas, alguns simbolistas. Morreu em 1922).

Solimar de Oliveira

Solimar de Oliveira apareceu em 1930 escrevendo uns versos românticos e publicando-os pelas colunas de “O Clarim”, jornal editado em Cachoeiro de Itapemirim, sob a direção de Ávila Junior. E de vez em quando visita as revistas cariocas. É um esforçado. Não é ainda um poeta de renome. Tem vocação para a poesia e naturalmente com o treino é capaz de se tornar um discípulo de Alvimar Silva.

O poeta Solimar de Oliveira é um dominado pelo Deus Cupido. Só escreve versos amorosos. Quando será que o Brasil deixa de ser romântico pela voz mística do bardo brasileiro? A mentalidade dos nossos poetas ainda não passou por uma transição radical. Continua submetida aos caprichos de uma formosa bailarina que se chama o Amor. E assim será sempre... sempre... eternamente. O sr. Solimar de Oliveira finalizará o meu livro com este soneto amoroso:

OBJETIVO

Eu quero crer no teu afeto; eu quero
Acreditar no teu olhar brejeiro
E nesse Ideal que delirante espero...
- Dos meus Sonhos de amor o derradeiro! ...

Desejo crer em ti, não persevero
Porque tudo na terra é passageiro...
Se o dia de hoje é luz, calmo e severo
- Também de nossa Dor é o mensageiro!

E, assim, nessa ansiedade em que hei vivido,
Gloriosamente avanço, resolvido,
À conquista suprema de um desejo...

“Avanço e não rastejo...” e, dessa forma,
Do meu Amor inda seguindo a Norma
Vou resoluto em busca do teu beijo! ...

(Solimar de Oliveria nasceu em Juiz de Fora, MG, em 05/08/1913. Poeta e jornalista. Publicou sonetos. Foi um dos fundadores da Academia Cachoeirense de Letras.)

